**Reencontros de Música Contemporânea 2023** | CALENDÁRIO

Teatro Aveirense | 18 a 28 de Maio

Quinta-feira, 18 de Maio

[c1] [SE] Portugal | Japão :: 21h30

Sexta-feira, 19 de Maio

[c2] [SP] MEC + NMpNM :: 18h30

[c3] [SE] Tiago Coimbra :: 21h30

Sábado, 20 de Maio

[c4] [SE] duo Pinto/Fesch :: 21h30

Domingo, 21 de Maio

[c5] [SP] NMpNM; R. Castro Blanco :: 18h30

Quinta-feira, 25 de Maio

[c6] [SP] duo Tágide :: 21h30

Sexta-feira, 26 de Maio

[c7] [SP] Orquestra Metropolitana de Lisboa; P. Neves; J. Pereira :: 21h30

Sábado, 27 de Maio

[c8] [SP] ars ad hoc :: 21h30

Domingo, 28 de Maio

[c9] [SP] Orq. Beiras; N. Coelho; A. Conangla, L. Salomé, T. Coimbra :: 18h30

A **Arte no Tempo** é uma estrutura financiada pela **República Portuguesa – Cultura / Direcção Geral das Artes**.

**----- CONCERTOS**

**[c1] Portugal | Japão**

**Quinta-feira, 18 de Maio • 21h30**

**Teatro Aveirense \ Sala Estúdio**

[c1] Portugal | Japão

Kuniko Kato e Nuno Aroso > percussão

Num programa composto por obras de compositores portugueses e japoneses, inclui-se a estreia absoluta de From the Journal of Delacroix [2021], uma encomenda da Arte no Tempo ao compositor António Chagas Rosa (1960), financiada pela Direcção Geral das Artes, que junta a virtuosa marimbista japonesa Kuniko Kato ao já nosso conhecido percussionista e pedagogo Nuno Aroso.

• Atsuhiko Gondai (1965) | *Au-delà de ‘Si*’\* [2021]

• Akira Miyoshi (1933-2013) | *Torse III* [1965]

• Inés Badalo (1989) | *Glass landscapes* [2021]

• António Chagas Rosa (1960) | *From the Journal of Delacroix*\* [2021]

\* estreia absoluta; encomenda da Arte no Tempo financiada pela Direcção Geral das Artes

**[c2] Música mista**

**Sexta-feira, 19 de Maio • 18h30**

**Teatro Aveirense \ Sala Principal**

Nádia Carvalho > informática musical

Pedro Gouveia > percussão e Sidnei Rebelo > eufónio

e alunos do ensino artístico especializado da música

Mantendo a tradição de criar espaço para a apresentação de música de jovens compositores, assim como para a estreia de peças para instrumento solo e electrónica concebida para jovens músicos em formação, a bienal Reencontros de Música Contemporânea apresenta música de Cristóvão Almeida (seleccionado no âmbito da rúbrica ‘Música em Criação’) e de compositores como António Chagas Rosa (1960), Nuno Trocado, Nádia Carvalho (1994), Diogo Novo Carvalho (1986), Solange Azevedo (1995), Olívia Silva (1996), Sara Marita (1999) e Eduardo Marques (2000), que responderam a encomendas da Arte no Tempo.

peças compostas no âmbito do projecto ‘Nova Música para Novos Músicos’

+ peça seleccionada no âmbito da rúbrica ‘Música em Criação’

• Diogo Novo Carvalho (1986) | *How dare you?\** [2020]

para voz e electrónica

• Olívia Silva (1996) | *Reflections on a Cat’s Dream\** [2023]

para flauta de bisel e electrónica

• Sara Marita (1999) | *Apelos imprecisos da memória*\* [2023]

para oboé e electrónica

• Eduardo Marques (2000) | *Siderius Morientis*\* [2023]

para clarinete e electrónica

• Solange Azevedo (1995) | *Que vento é este?*\* [2023]  
para trompa e electrónica

• Nuno Trocado | *Nom perdi eu, meu amigo, des que me de vós parti*\* [2023]

para voz de soprano e electrónica

• António Chagas Rosa (1960) | *Lost*\* [2018]

para flauta de bisel e electrónica

• Nádia Carvalho (1994) | *Like to a ship that storms urge on its course*\* [2023]

para percussão e electrónica

• Cristóvão Almeida (2000) | *Until Quantum\*\** [2023] ca 5’

para eufónio, percussão e electrónica

\* estreia absoluta; encomenda da Arte no Tempo, financiada pela DGArtes

\*\* peça seleccionada no âmbito da rúbrica ‘Música em Criação’

**[c3] Tiago Coimbra :: oboé contemporâneo**

**Sexta-feira, 19 de Maio • 21h30**

**Teatro Aveirense \ Sala Estúdio**

Tiago Coimbra > oboé

Nádia Carvalho e Daria Baiocchi > electrónica

Dando testemunho dos genuínos esforços de Tiago Coimbra no sentido de fomentar a criação de nova música para o seu instrumento, expandido as técnicas do instrumento e promovendo a sua modernização, no recital que apresenta na bienal Reencontros de Música Contemporânea interpreta uma das peças que fez descobrir um novo oboé – a Sequenza VII de Luciano Berio (1925 – 2003) – a par da estreia absoluta de três obras para oboé e electrónica escritas para si, por Carlos Caires (1968), Daria Baiocchi (1978) e João Moreira (2004).

• Luciano Berio (1925 - 2003) | *Sequenza VII* [1969] ca 8’  
para oboé solo

• João Moreira (2004) | *Knurren\*\**\* [2023] ca 3’

para oboé e electrónica

• Carlos Caires (1968) | *One from All-in-One*\* [2023] ca 8’

para oboé e electrónica

• Daria Baiocchi (1978) | *Vytra*\*\*\* [2023] ca 9’  
para oboé e electrónica + video

\* estreia absoluta; encomenda da Arte no Tempo, financiada pela Direcção Geral das Artes

\*\*\* estreia absoluta

**[c4] duo de guitarras Nuno Pinto / Gil Fesch**

**Sábado, 20 de Maio • 21h30**

**Teatro Aveirense \ Sala Estúdio**

Alguém que já tenha procurado uma interpretação da mítica *Salut für Caudwell. Musik für zwei Gitarristen*, de Helmut Lachenmann (1935), terá certamente encontrado um vídeo com os portugueses Gil Fesch e Nuno Pinto, que em 2013 trabalharam com o compositor na preparação da sua interpretação (aliás, muito elogiada pelo próprio). Além dessa obra colossal, o duo Pinto / Fesch traz à bienal Reencontros de Música Contemporânea um programa variado em que cabem obras para duas guitarras da luso-espanhola Inés Badalo (1989) e do francês Mark Andre (1964) – antigo aluno de Lachenmann – assim como música para guitarra eléctrica da britânica Rebecca Saunders (1967) – tal como Andre, radicada na Alemanha – e do italiano Fausto Romitelli (1963 – 2004).

• Inés Badalo (1989) | *Ki* [2014] ca 3’  
para duas guitarras

• Mark Andre (1965) | *iv 14* [2014] ca 5’  
para duas guitarras

• Rebecca Saunders (1967) | *Study for Metal Bottle Necks* [2018] ca 3’  
para guitarra eléctrica

• Fausto Romitelli (1963-2004) | *Trash TV Trance* [2002] ca 10’

para guitarra eléctrica

• Helmut Lachenmann (1935) | *Salut für Caudwell. Musik für zwei Gitarristen* [1977/2020] ca 26’

**[c5] NMpNM \_ Nova Música para Novos Músicos**

**Domingo, 21 de Maio • 21h30**

**Teatro Aveirense \ Sala Principal**

Rita Castro Blanco > direcção

Nádia Carvalho > electrónica

alunos do ensino artístico especializado da música

Pelo sexto ano consecutivo, a Arte no Tempo promove a criação de repertório para instrumento solo e electrónica, assim como obras para agrupamento musical e electrónica, de compositores portugueses, dirigido a jovens intérpretes ainda em formação.

Neste concerto, preparado com a preciosa colaboração dos respectivos professores de instrumento, alunos de diferentes escolas do ensino artístico especializado e do ensino profissional vêm até Aveiro estrear obras compostas por encomenda da Arte no Tempo, com financiamento da Direcção Geral das Artes, sob a direcção de Rita Castro Blanco e com a preciosa assistência informática musical de Nádia Carvalho.

• Hugo Vasco Reis (1981) | *Micro Images*\* [2022] 2’24’’

para violino e electrónica

• Eva Aguilar (2002) | *Improfúgio*\* [2023] ca 2’  
para viola e electrónica

• Cândido Lima (1939) | *LAURA - la fontaine de Vaucluse*\* [2020] ca 3’  
para violoncelo e electrónica

• Carlos Lopes (1995) | *‘stenografia #2*\* [2023] ca 2’

para piano e electrónica

• Jaime Reis (1983) | *Estudo de densidades III*\* [2022] ca 5’

para conjunto instrumental e electrónica

• Luís Salgueiro (1993) | *wrapping*\* [2023] ca 10’

para conjunto instrumental e electrónica

• Solange Azevedo (1995) | *Luz sobre papel*\* [2023] ca 14’

para conjunto instrumental e electrónica

\* estreia absoluta; encomenda da Arte no Tempo financiada pela Direcção Geral das Artes

**[c6] duo Tágide**

**Quinta-feira, 25 de Maio • 21h30**

**Teatro Aveirense \ Sala Principal**

Inês Simões > soprano

Daniel Godinho > piano

António Chagas Rosa > apresentação

Conhecedor da voz como poucos compositores do nosso tempo, António Chagas Rosa (1960) estudou a fundo *O Livro dos Jardins Suspensos* Op. 15 [1908-9], que Arnold Schönberg (1874 – 1951) escreveu com poemas de Stefan George. Neste recital que abre o segundo fim-de-semana dos 4os Reencontros de Música Contemporânea, o duo Tágide apresenta essa primeira obra atonal de Schönberg intercalada com algumas canções do ciclo *Cicuta* [2005], que Chagas Rosa compôs a partir de poesia de Maria Teresa Horta. Entre a contextualização que o próprio fará e a interpretação das suas canções e as de Schönberg, haverá ainda espaço para a estreia absoluta de um breve monodrama que Rúben Borges (1994) compôs em 2021 por encomenda da Arte no Tempo, com financiamento da Direcção Geral das Artes.

• Ruben Borges (1994) | *de profundis*\* [2021]  
monodrama para soprano e piano amplificado

• Arnold Schönberg (1874 - 1951) | *Das Buch der hängenden Gärten* [1908-9]

e António Chagas Rosa (1960) | *Cicuta* [2005] (selecção)

**[c7] Orquestra Metropolitana de Lisboa**

**Sexta-feira, 26 de Maio • 21h30**

**Teatro Aveirense \ Sala Principal**

Pedro Neves > direcção

José Pereira > violino

No centro deste programa que motiva o regresso da Orquestra Metropolitana de Lisboa (OML) aos Reencontros de Música Contemporânea – desta vez sob a direcção de Pedro Neves, músico cuja formação secundária foi completada no conservatório da cidade – está a estreia absoluta do Concerto para violino e orquestra que António Chagas Rosa (1960) compôs, por encomenda da Arte no Tempo, financiada pela Direcção Geral das Artes. A antecedê-lo, a OML interpreta o Concerto para Cordas em Ré menor op. 17, de Joly Braga Santos (1924 – 1988) e, a concluir a noite, dá a escutar o *Concert Românesc*, de Ligeti.

• Joly Braga Santos (1924 - 1988) | Concerto para Cordas em Ré menor op. 17 [1951] ca 17’

• António Chagas Rosa (1960) | Concerto para violino e orquestra\* [2023]

• György Ligeti (1923 - 2006) | *Concert Românesc* [1951] 12’

\* estreia absoluta; encomenda da Arte no Tempo, financiada pela Direcção Geral das Artes

**[c8] Helmut Lachenmann: lenda viva**

**Sábado, 27 de Maio • 21h30**

**Teatro Aveirense \ Sala Principal**

ars ad hoc

Horácio Ferreira > clarinete

Gonçalo Lélis > violoncelo

João Casimiro Almeida > piano

Ao longo da temporada de 2022/23, o ars ad hoc tem dedicado especial atenção à música de Helmut Lachenmann (1935), o ‘inventor’ do conceito de ‘música concreta instrumental’. Neste recital, além de solos para piano e para clarinete, o ars ad hoc propõe a fruição do trio *Allegro sostenuto* [1987/88], obra de extrema dificuldade técnica e musical (proporcional à qualidade da composição), que circula entre a experiência da “ressonância” e o “movimento”.

Helmut Lachenmann (1935)   
• *Dal niente* [1970] ca 11’  
 para clarinete solo

• *Guero* [1970-1988] ca 4’  
 para piano solo

• *Allegro sostenuto* [1986-88] 35’  
 para clarinete, violoncelo e piano

**[c9] Concertos Portugueses**

**Domingo, 28 de Maio • 18h30**

**Teatro Aveirense \ Sala Principal**

Orquestra das Beiras

Nuno Coelho > direcção

Andrea Conangla > soprano  
Luís Salomé > saxofone

Tiago Coimbra > oboé

O concerto de encerramento da quarta edição da bienal Reencontros de Música Contemporânea (RMC) constitui uma rara oportunidade para ouvir, no mesmo evento, três obras concertantes.

Do tempo da pandemia de COVID-19, ficou por estrear o Concerto de Saxofone [2021] de João Carlos Pinto (1998), uma obra encomendada pela Câmara Municipal de Aveiro para os RMC de 2021, por proposta da Arte no Tempo, de que, na altura, apenas foi possível escutar algumas partes orquestrais, comentadas pelo próprio compositor.

Dos esforços conjuntos de Tiago Coimbra e da Arte no Tempo no sentido de dar ao oboé um papel mais activo na contemporaneidade, nascem não só algumas obras novas para instrumento solo, como também a edição da partitura do Concerto de Outono [1983], de Jorge Peixinho (1940 – 1995) – um dos compositores que mais se bateu no sentido de empurrar Portugal para a vanguarda musical – esperando tornar possível a sua interpretação por mais músicos e orquestras por esse mundo fora.

No dia em que se assinalam exactamente 100 anos sobre o nascimento de György Ligeti (28 de Maio de 1923 – 12 de Junho de 2006), não poderiam faltar três árias da sua “anti-anti-ópera”, sendo Ligeti o único compositor estrangeiro neste evento protagonizado por portugueses, não por se tratar da prata da casa, mas porque o nível do trabalho que desenvolvem vai ao encontro da excelência que a Arte no Tempo procura nos profissionais.

• György Ligeti (1923 - 2006) | *The Mysteries of the Macabre* [1991]

• João Carlos Pinto (1998) | Concerto para saxofone\*\*\*\* [2021]

• Jorge Peixinho (1940 - 1995) | Concerto de Outono [1983]

\*\*\*\* estreia absoluta; encomenda da Câmara Municipal de Aveiro, por proposta da Arte no Tempo

**----- COMPOSITORES**

**Akira Miyoshi** (1933 - 2013) nasceu em Suginami (Tóquio) e logo em criança foi considerado um prodígio no piano, estudando violino com Kozaburo Hirai à entrada do ensino primário. Em 1951, ingressou no Departamento de Literatura Francesa da Universidade de Tóquio. Em 1953, conquistou o 1º Prémio no 22º Concurso de Música do Japão com a sua *Sonata*, entre diversos outros prémios. Em 1955, partiu para Paris para estudar composição no Conservatoire National Supérieur de Musique, onde trabalhou com Henri Challan e Raymond Gallois-Montbrun até 1957, sendo, por esta altura, fortemente influenciado por Henri Dutilleux. Regressou ao Japão em 1957 e formou-se na Universidade de Tóquio em 1960. Em 1965, tornou-se professor na Escola de Música de Toho Gakuen. Em 1996, foi-lhe conferido o título de Officier de l'Ordre des Arts et des Lettres do Governo francês. Em 1999, recebeu o 31º Prémio de Música de Suntory. Recebeu o prémio Otaka seis vezes pelas suas composições. A sua vasta produção musical compreende obras para orquestra, para orquestra de sopros, música de câmara, música coral, canções, ópera, música para piano, para guitarra, para percussão e, ainda, música para instrumentos tradicionais japoneses.

**António Chagas Rosa** (Lisboa, 1960) realizou estudos de História e de Piano na sua cidade natal. Concluiu duas pós-graduações na Holanda (Composição e Música de Câmara), onde residiu 12 anos. Durante a sua permanência na Holanda, foi maestro repetidor no Muziektheater de Amesterdão e professor na classe de ópera no Conservatório Sweelinck.  A sua produção de compositor inclui música de câmara, sinfónica, três óperas e numerosos ciclos de canções. Recebeu encomendas do Festival Internacional de Música de Macau, da Fundação Calouste Gulbenkian, da Casa da Música Porto, da Radiodifusão Portuguesa, do Teatro Nacional de São Carlos, da Fundação Casa de Mateus, do Nederlands Kamerkoor (Amesterdão), do Klangforum e Festival Jeunesse (Viena), do Drumming – Grupo de Percussão, do coro de câmara *Les Éléments* de Toulouse e da Arte no Tempo (Aveiro), entre outros organismos. As suas obras têm sido tocadas em festivais de música contemporânea em Portugal, Espanha, França, Holanda, Alemanha, Suíça, Áustria, Suécia, Ucrânia, E.U.A., Venezuela, Hong-Kong e Japão.

A sua segunda ópera, *Melodias Estranhas*, com libreto de Gerrit Komrij, foi-lhe encomendada pelas cidades do Porto e Roterdão, Capitais Europeias da Cultura em 2001, tendo sido estreada no Schouwburg de Roterdão, em Dezembro de 2001. O seu primeiro CD monográfico inclui *As Feiticeiras* (Actes-Sud, 2006), um conto musical com poema de Maria Teresa Horta resultante de uma encomenda do Ensemble Musicatreize, de Marselha, que valeu ao agrupamento uma “Victoire de la Musique/2007” (Radio France). O seu segundo CD monográfico (Mares, MPMP 2016) contém a produção integral de música para percussão que Chagas Rosa escreveu até 2013 e foi, em 2016, nomeado pelo jornal Público como a melhor gravação do ano na categoria de música erudita contemporânea. Estreou em 2019 um concerto para violoncelo e orquestra (*Circumnavigare*, encomenda da Orquestra Metropolitana de Lisboa, gravado em CD pela Metropolitana /Casa da Moeda), estando prevista para Maio de 2023 a estreia de um concerto para violino e orquestra, uma encomenda Arte do Tempo (Aveiro), em parceria com a Metropolitana. Em 2022, a sua terceira ópera, *O Homem dos Sonhos*, foi estreada no Teatro de São Luiz, em Lisboa, em parceria com a Companhia de Ópera do Castelo, tendo sido depois apresentada em Viseu, Guarda e no Operafest Lisboa.

António Chagas Rosa é licenciado em História (Universidade Nova de Lisboa) e doutorado em Música pela Universidade de Aveiro. É professor auxiliar nesta última universidade, onde lecciona desde 1996.

www.chagasrosa.com

Caso paradigmático de auto-didactismo nos estudos musicais, **Arnold Schönberg** (Viena, 1874 – Los Angeles, 1951) foi dos mais importantes compositores e teóricos de todos os tempos. Iniciando-se, desde cedo, com pequenas experiências na composição, o próprio compositor advogava que Óscar Adler (violinista), David Bach (linguista, filósofo e matemático) e Alexander von Zemlinsky (compositor) eram os três responsáveis pela sua primeira instrução musical e literária. Depois de uma fase inicial, caracterizada por uma expansão da linguagem tonal vigente, e em que pontificam obras da maior importância como o admirável sexteto de cordas – Noite transfigurada (1899), o poema sinfónico Pelléas e Mélisande (1903), ou a Sinfonia de Câmara (1906), Schönberg passa por obras de magistral importância na sua produção (Pierrot Lunaire, de 1912), até que se aproxima definitivamente da atonalidade (ou “tonalidade suspensa”, como o próprio preferia), que o leva a desenvolver o sistema dodecafónico que surge, pela primeira vez no seu trabalho composicional, na Valsa, das suas Cinco peças para piano, Op. 23 (1920-1923). Sistema tão importante quanto ainda hoje por muitos odiado, marcou indelevelmente não só os seus directos alunos, mas também todas as gerações seguintes. Com a tomada do Poder pelos Nazis, Schönberg vê-se forçado a abandonar Berlim, exilando-se primeiramente em França e depois, definitivamente, nos Estados Unidos, onde viria a desenvolver uma actividade académica de relevo.

**Atsuhiko Gondai** (Tóquio, 1965) estudou composição na Escola de Música Toho Gakuen e, entre 1990 e 1992, frequentou a Staatliche Hochschule für Musik Freiburg, com uma bolsa DAAD. De 1993 a 1994 residiu em Paris, enquanto investigador apoiado pelo Programa Internacional do Governo Japonês para Artistas e, até 1995, estudou música por computador no IRCAM (Institute de Recherche et de Coordination Acoustique/Musique).

Estudou composição com Yasuo Sueyoshi, Klaus Huber e Salvatore Sciarrino, música por computador com Philippe Manoury e órgão com Zsigmond Szathmary.

Obteve o 1º Prémio no Concurso de Composição Valentino Bucchi, em 1991, o 2º Prémio no Concurso Internacional de Composição “Kazimierz Serocki”, em 1992, e tem recebido diversos prémios tanto no Japão como no estrangeiro.

Gondai tem investigado o espaço musical como rito assente na religião Católica. Nos últimos anos, tem colaborado com os Buddhist priest Shomyo chanters, abrindo novos caminhos no intercâmbio com a música budista.

Gondai tem ainda mantido actividade como produtor de concertos. Começando com ‘MERZBOW of noise music’, tem trabalhado em diversos projectos colaborativos com realizadores de cinema, bailarinos, coreógrafos e arquitectos. Em 1999, lançou o primeiro CD com obras suas, “ritratto rosa.” Em 2000, fez conferências na Victoria University, Wellington e na Auckland University na Nova Zelândia. Em 2003, foi artista residente em Bergen (Noruega), apresentando conferências na Grieg Academy da Universidade de Bergen. Vive entre Kanazawa e Paris, onde trabalha em projectos de composição.

Nascido na região de Viana do Castelo, **Cândido Lima** (1939) iniciou os seus estudos gerais e musicais em Braga. Em 1963 ingressa no conservatório desta cidade e, um ano depois, é admitido no conservatório de Lisboa, tendo obtido os diplomas dos Cursos Superiores de Piano e de Composição dos Conservatórios de Lisboa e Porto, e de Filosofia na Faculdade de Filosofia de Braga, entre 1968 e 1973.

Doutorou-se em Estética pela Universidade de Paris I – Sorbonne. Durante vários anos estudou em privado e no Instituto de Estética e Ciências da Arte, Sorbonne, com o compositor Iannis Xenakis. Frequentou vários cursos internacionais em Portugal, Espanha, Holanda, Alemanha e França. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e da Secretaria de Estado da Cultura de 1975 a 1978.

Escreveu obras para orquestra, agrupamentos de câmara, coro, teatro, electrónica, electroacústica e por computador, sendo a sua música tocada em diversos países. Escreveu ainda numerosos ensaios, tendo vindo a realizar conferências e seminários dentro e fora do país.

Fundou o Grupo Música Nova (1973) e participou em reformas do ensino da Música. Tem colaborado com a Rádio e a Televisão, desde 1963, enquanto pianista, compositor, autor e apresentador, criando para a RTP várias séries de programas: “Sons e Mitos”, “Fronteiras da Música”, “No ventre da Música”.

Foi professor de Composição na Escola Superior de Música do Porto e foi o primeiro compositor português a abordar a informática musical nas Universidades de Paris II e Paris VII, bem como a utilizar o computador em composição musical.

Prossegue estudos pessoais sobre meios audiovisuais em trabalhos teóricos, técnicos e de composição, relacionados com aspectos de Filosofia, Antropologia e das teorias e técnicas da comunicação.

É professor investigador no INET-MD, da Universidade Nova, Núcleo da Universidade de Aveiro.

**Carlos Caires** (Lisboa, 1968) diplomou-se em composição pela Escola Superior de Música de Lisboa (com Constança Capdeville e Christopher Bochmann).

Completou mais tarde o Diploma de Estudos Avançados e o Doutoramento (Bolseiro FCT) na Universidade de Paris 8, sob orientação de Horacio Vaggione.

Foi professor no Conservatório Regional de Setúbal e na Escola de Música do Conservatório Nacional (entre 1988 e 1991) passando a leccionar, a partir de 1992, na Escola Superior de Música de Lisboa. Paralelamente ao curso de composição, frequentou diversos cursos de verão de direcção coral e de orquestra, em Portugal e no estrangeiro. Dirigiu, com o maestro Paulo Lourenço, o coro da JMP, fundando posteriormente (também com Paulo Lourenço), o Coro Ricercare, que dirigiu até 1998, altura em que partiu para Paris.

A sua música tem sido apresentada em diversos festivais na Europa e na Ásia. Em Portugal no festival Dos 100 Dias/ Expo’98, Música Viva 2003, 2006 e 2008, no festival d’Estoril 2004, de Leiria e no ciclo Música Portuguesa Hoje – CCB, ambos em 2008; no Reino Unido, no Atlantic Waves Festival 2004; na Alemanha, no Festival de Dresden e no Berliner Festspiele, em 2005 e 2008; na China, Semana Internacional de Música Electroacústica de Xangai, em 2009. Recebeu, em 1995, o Prémio Joly Braga Santos, com a obra *Al Niente*, em 1996, o Prémio Cláudio Carneyro com a obra *Wordpainting* e, em 1998, o Prémio ACARTE (em ex-equo com o João Madureira) com a obra *Retábulo – Melodrama*.

Como investigador, desenvolve o software de micromontagem sonora IRIN, um projecto iniciado durante o seu doutoramento no CICM (Centre de Recherche Informatique et Création Musicale na Universidade de Paris 8) e continuado no CITAR.

Vive em Lisboa e ensina na Escola Superior de Música de Lisboa.

Compositor e pianista, **Carlos Lopes** (Guimarães, 1995) tem particular interesse pela criação colaborativa de música instrumental e vocal, bem como pelo uso de electroacústica, improvisação e de novos formatos artísticos na performance musical.

Em 2021, foi Jovem Compositor em Residência na Casa da Música, onde decorreram estreias das suas obras pela Orquestra Sinfónica do Porto e pelo Remix Ensemble. Actualmente, frequenta o Mestrado em Composição na Hochschule für Musik und Tanz de Colónia, na classe de Miroslav Srnka.

Licenciou-se em Piano na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto, com o professor Constantin Sandu, tendo terminado em 2020 a sua Licenciatura em Composição na mesma instituição, sob orientação de Pedro Santos, Dimitrios Andrikopoulos e Carlos Azevedo.

Em Julho de 2018, obteve o 2º Prémio no 11º Concurso Internacional de Composição da Póvoa de Varzim com o quarteto de cordas tragoidia. Participou no workshop ENOA – “Composing for Voices”, na Fundação Calouste Gulbenkian, onde foi orientado pelo compositor Luís Tinoco. Em Julho de 2019, foi estreada a sua obra 5 Variações do Desassossego, pela Orquestra Gulbenkian e o barítono Tiago Matos, sob a direcção de Pedro Neves. Em 2020, a obra Clepsydra foi encomendada pelo Prémio Jovens Músicos (Antena 2/RTP), enquanto peça obrigatória da categoria de Violoncelo – nível superior.

Participou em classes de aperfeiçoamento, palestras e workshops com Helmut Lachenmann, Harrison Birtwistle, Philippe Manoury, Clara Iannotta, Rebecca Saunders, Ensemble Mosaik em colaboração com Luís Antunes Pena, Alexander Schubert, Johannes Schöllhorn, João Pedro Oliveira, Panayiotis Kokoras e Moritz Eggert.

**Cristóvão Almeida** (2000) concluiu o Curso de Instrumentista de Sopros e Percussão (trompete), em 2019, na Escola Profissional de Artes da Beira Interior (EPABI), sob a tutela de Fernando Jorge Ribeiro. Posteriormente ingressou na Escola Superior de Artes Aplicadas (ESART), em Castelo Branco, onde concluiu a Licenciatura em Música, variante de Formação Musical, Direcção Coral e Instrumental (FMDCI), em 2022.

Actualmente, prossegue estudos na Escola Superior de Música de Lisboa (ESML), onde frequenta a Licenciatura em Composição. Integra ainda as equipas da Eletroacoustics Music Sound Courses Alumni Network, do Projecto DME e do Lisboa Incomum.

**Daria Baiocchi** (1978) completou um mestrado em piano, outro em composição clássica e outro ainda em música electrónica, para além da licenciatura em Literatura Clássica pela Universidade de Bolonha. As suas obras têm sido apresentadas um pouco por todo o mundo, assim como difundida na rádio em países como a Holanda, França, Portugal, Reino Unido e Estados Unidos da América (E.U.A.), entre outros.

O seu trabalho de composição tem sido distinguido na Argentina, Holanda, Irlanda, Alemanha, Itália, Inglaterra, Hungria, E.U.A., Bulgária, Polónia, Lituânia, Canadá, Coreia do Sul, México, Chipre, Suécia, França, Espanha, Grécia, China, Austrália e Eslovénia. Os seus trabalhos em video arte têm tido exposição na Índia, Croácia, Suécia, México, Grécia, Polónia, Suíça, Colômbia, Inglaterra, E.U.A., Bélgica, Bulgária, Argentina, Portugal, Espanha, Irlanda, Austrália e México, sendo ainda difundidas pela ART TV.

É Professora de Harmonia e Análise Musical no Conservatório de Fermo, assim como Professora de Design de Som na Academias de Belas Artes de Turim, de Frosinone e de Perugia (Departamento de Novas Tecnologias).

Daria Baiocchi é Directora do “Sound Art Museum Online”, em Ascoli Piceno. Como voluntária, é também Directora Artística e comunicadora no programa de rádio “Música Clássica e…”, em FM na Itália centro-leste, explorando novos intérpretes, compositores contemporâneos e artistas sonoros / designers sonoros.

**Diogo Novo Carvalho** (1986) é doutorando em Estudos Artísticos (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2019- ), investigador colaborador (CEIS20/Universidade de Coimbra, 2019- ), mestre em Composição e Teoria Musical (Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, Instituto Politécnico do Porto, 2013) e em Ensino da Música (Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa, 2017). Como compositor, tem realizado um trabalho diversificado e profundo sobre a articulação de modelos temporais associados à noção de silêncio, com obra interpretada em festivais como Festival Artes Vertentes no Brasil (2021), Festival Música Viva em Lisboa (2020), Aveiro\_Síntese em Aveiro (2018, 2020), Festival 20.21 em Évora (2018), Dias da Música Eletroacústica em Seia (2017), e encomendada por associações, intérpretes e formações como Francisco Béreny (guitarra), Ricardo Pires (saxofone), Frederic Cardoso (clarinete), Duo Sofia Leandro e Bruno Santos (violino e percussão), Sepia Ensemble (Polónia), Vertixe Sonora (Espanha), Arte no Tempo e Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa (MPMP).

**Eduardo Marques** (Santarém, 2000) começou a aprender piano e trompa na escola de música da Sociedade Filarmónica de Instrução e Cultura Musical de Gançaria aos 11 anos de idade. Em 2013, iniciou os seus

estudos em piano no Conservatório de Santarém, durante um ano, tendo prosseguido no Conservatório de Caldas da Rainha nos anos seguintes. Nesses anos formativos começou a compor e fazer arranjos para piano, pequenos agrupamentos e banda filarmónica, com o acompanhamento do maestro Samuel Pascoal e do professor Paulo Loureiro.

Ingressou na Escola Superior de Música de Lisboa em 2017, onde estudou com professores como Luís Tinoco, Sérgio Azevedo, Carlos Caires, Jaime Reis e Carlos Marecos, assistiu a palestras e masterclasses de compositores internacionais como Benjamin Attahir, Kaija Saariaho e Thomas Adès, fazendo ainda parte do Laboratório de Música

Mista José Luís Ferreira. As suas peças foram tocadas em eventos como o Prémio Jovens Músicos, na Casa da Música; Peças Frescas, no Teatro São Luís; Música em Criação, nos Reencontros de Música Contemporânea; e Decomposição, no Centro Cultural Olga Cadaval.

Presentemente, encontra-se a frequentar o Mestrado em Ensino de Música nas áreas de composição e formação musical, é pianista no projecto Duetos de Lisboa e lecciona na Academia de Música e Dança de Rio Maior, na Escola Vocacional de Dança de Caldas da Rainha e no Conservatório de Caldas da Rainha.

**Eva Aguilar** (2002) estudou violoncelo com Luís Sá Pessoa, na Escola de Música do Conservatório Nacional (Lisboa), conciliando estudos de ciências, no Liceu Camões. Frequenta actualmente a Licenciatura em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa, segundo orientação de Carlos Caires e Jaime Reis. Paralelamente, estuda canto com Joana Nascimento e integra o Coro Juvenil da Universidade de Lisboa, tendo participado em festivais corais em Vesoul, Turim, Basileia, Estrasburgo, Zurique, Perpignan, Bilbao e concertos na Fundação Calouste Gulbenkian (com a pianista Maria João Pires), Casa da Música, Centro Cultural de Belém e Teatro São Luiz, entre outros. Em 2020, foi seleccionada pelo Plus-Minus Ensemble (UK) e a Arte no Tempo para escrever uma obra estreada pelo agrupamento no Festival Dialogues (Edimburgo), tendo trabalhado com Mark Knoop e Matthew Shlomowitz. Em 2021, foi seleccionada pelo Divertimento Ensemble (IT) para escrever uma obra estreada por Maria Grazia Bellocchio, no Festival Rondò 22, em Milão. No mesmo ano, integrou o colectivo BoCA Sub 21- Biennial of Contemporary Arts e o projecto COMPOTA – Sentidos Ilimitados (performances de improvisação multidisciplinar). Em 2022, foi selecionada para a residência SOUNDMINE, na Bélgica (em colaboração com o HERMESensemble e o Centre Henri Pousseur), e para residência artística em Seia, com o Ensemble Orbis (FR), no contexto do Festival DME 2022.

**Fausto Romitelli** (Gorizia, 1963 - Milão, 2004) formou-se em composição no Conservatório Giuseppe Verdi de Milão, prosseguindo estudos de aperfeiçoamento com Franco Donatoni, na Accademia Chigiana de Siena e na Scuola Civica de Milão. Em 1991, mudou-se para Paris para estudar novas tecnologias no “Cursus d’Informatique Musicale” do IRCAM, onde trabalhou também enquanto “compositeur en recherche”, entre 1993 e 1995. Além de Donatoni, as suas primeiras grandes referências foram György Ligeti e Giacinto Scelsi, mas também Stockhausen e Boulez, antes de descobrir a música espectral francesa, em particular Hugues Dufourt e Gérard Grisey, a quem dedicou a segunda obra do ciclo *Domeniche alla periferia dell’Impero* [1995-96, 2000].

A investigação que desenvolveu no IRCAM em síntese e análise espectral foi a chave para a criação das suas obras seguintes, como *Sabbia del Tempo* [1991], para seis intérpretes, e *Natura morta con fiamme* [1991], para quarteto de cordas e electrónica

O ciclo de obras em que se integra *Professor Bad Trip I, II* e *III* [1998-2000] combina cores instrumentais distorcidas, instrumentos eléctricos e acessórios como o mirliton e a harmónica, inspirando-se no *Miserable Miracle* e *The Major Ordeals of the Mind and the Countless Minor Ones*, que Henri Michaux escreveu sob a influência de drogas alucinógenas.

A sua opus magnum é *An Index of Metals* [2003], uma video-ópera para soprano, agrupamento e electrónica fixa, com video de Paulo Pachini.

**György Ligeti** (1923 - 2006) nasceu num dia 28 de Maio, numa família húngaro-judaica, em Dicsöszenmárton (agora Târnǎveni), na Transilvânia, numa altura em que este território, em disputa com a Hungria, pertencia à Roménia. Aos 6 anos muda-se para Cluj, cidade no noroeste da Roménia. Apesar do seu interesse musical precoce, o pai apenas o autoriza a aprender piano aos 14 anos. Entre 1941 e 1943 estudou composição com Ferenc Farkas, discípulo de Respighi, no Conservatório de Cluj, depois de ter sido rejeitado como aluno de física e matemática na Universidade de Cluj, por ser judeu. Por esta altura, Ligeti viajava até Budapeste durante o verão, onde tinha aulas privadas com Pál Kadosa, especialista no estilo de composição de Kodály. Em 1944 foi mobilizado para um campo de trabalho nazi, ao mesmo tempo que a família foi levada para campos de concentração, de onde apenas sobreviveu a sua mãe. Entre 1945 e 1949, continuou os seus estudos com Sándor Veress e Ferenc Farkas na Academia de Música Franz Liszt, em Budapeste, onde ensinou harmonia e contraponto até 1956, altura em que saiu do país.

Entre 1957 e 1959, trabalhou no Estúdio de Música Electrónica da Rádio Alemã (Westdeutscher Rundfunk), em Colónia, onde estudou intensamente a música de Karlheinz Stockhausen, Mauricio Kagel e Pierre Boulez. Estabeleceu-se em Viena em 1959 e, em 1967, tornou-se cidadão austríaco. Durante os anos sessenta, Ligeti ensinou nos Cursos de Verão de Darmstadt e na Academia de Música de Estocolmo. Em 1969-70 foi bolseiro da DAAD (Kunstlerprogramm des Deutschen Akademischen Austauschdiensts), em Berlim, e em 1972 foi compositor residente na Universidade Stanford (Califórnia). Foi professor de composição na Academia de Música de Hamburgo e galardoado com diversas distinções, entre as quais o Prémio Theodor W. Adorno da Cidade de Frankfurt (2003).

Tendo passado por linguagens musicais distintas, o compositor tem uma vasta obra em catálogo, que inclui música instrumental e vocal para várias formações e também música electrónica, como *Artikulation* [1958]. Com as suas obras *Apparitions* [1958-59] e *Atmosphéres* [1961], para orquestra, Ligeti desenvolveu um novo estilo caracterizado por uma muito densa polifonia (“micro-polifonia”) e formas estáticas. As suas obras principais dos anos 60 são o *Requiem*, *Lux aeterna*, para coro, *Continuum*, para cravo, o Quarteto de Cordas n° 2 e o Concerto de Câmara para 13 instrumentistas. O seu estilo polifónico tornou-se mais transparente e melódico em obras dos anos 70 como *Melodien*, para orquestra, e a ópera *Le Grand Macabre*. A partir dos anos 80, desenvolveu uma nova técnica polirrítmica complexa que surgiu pela primeira vez no Trio para violino, trompa e piano [1982] e que pode ser observada nos Etudes pour piano, compostos entre 1985 e 2001 e publicados em três volumes.

**Hugo Vasco Reis** (Lisboa, 1981) é um compositor cuja prática artística se estende da música acústica e electroacústica a instalações sonoras, realizando colaborações com músicos e artistas visuais que apresentam regularmente as suas obras por toda a Europa. Publicou seis álbuns monográficos que foram nomeados pela SPA e GDA para melhor trabalho de música clássica. As suas peças foram premiadas ou seleccionadas em diversos concursos nacionais e internacionais.

As suas composições recentes incluem uma investigação dos fenómenos auditivos dentro de uma paisagem sonora, abordando agências de escuta e transcrição de texturas e ressonâncias, utilizando microfones para captar ruídos aparentemente silenciosos.

Actualmente é doutorando na Universidade de Música e Artes Performativas de Graz, KUG (Áustria). Estudou composição com Isabel Mundry na Universidade de Artes de Zurique, ZHdK (Zurique, Suíça), como bolseiro da Fondation Nicati-de Luze, com Mark Andre e Stefan Prins na Hochschule für Musik Dresden (Alemanha) e com António Pinho Vargas, Luís Tinoco e Sérgio Azevedo na Escola Superior de Música de Lisboa (Lisboa). Teve aulas particulares e masterclasses com os compositores Toshio Hosokawa, Chaya Czernowin, Hans Tutschku, Dieter Ammann, Franck Bedrossian, Barry Truax, Zigmunt Krauze, Åke Parmerud, Carola Bauckholt, Klaus Lang e Peter Ablinger, entre outros.

As suas obras têm sido apoiadas pelo Ministério da Cultura de Portugal, DGArtes, Antena 2, Câmara Municipal de Lisboa, ESML, ZHdK, KUG, SPAutores, GDA, Coro Setúbal Voz, Síntese GMC, Musicamera, Borealis Ensemble, Duo Sigma, Arte no Tempo, ZHdK Foundation, Momento Foundation, Graf-Fonds, Gaudeamus, Trio Elogio, GMCL, Vertixe Sonora, Collective Lovemusic, QCC String Quartet, Trio Piazzolla Lisboa e Orchestra della Svizzera Italiana.

Estudou também guitarra portuguesa no Conservatório de Música do Porto e na classe particular de Pedro Caldeira Cabral.

hugovascoreis.com

**Inés Badalo** (Olivença, 1989) realizou os estudos de guitarra e composição no Conservatório Superior de Música de Badajoz e na Escola Superior de Música de Lisboa, sob a orientação de Luís Tinoco. Paralelamente, complementa sua formação participando em master classes dos compositores Franck Yeznikian, Christopher Bochmann e José Manuel López López.

Vencedora de concursos nacionais e internacionais como o Concurso Internacional de Composición “Manuel de Falla”, Prémio de Composição Sociedade Portuguesa de Autores/Antena 2, Premio Francisco Guerrero Marín – Jóvenes Compositores de la Fundación SGAE/CNDM, Premio FIDAPA Concorso Internazionale di Composizione Città di Udine, Prémio Internacional de Composição Fernando Lopes-Graça, Convocatoria para Jóvenes Compositores de Plural Ensemble e Premio de Composición Musical del Colegio de España en París-INAEM.

Tem recebido encomendas do Centro Nacional de Difusión Musical (CNDM), Sociedad Filarmónica de Badajoz, Radiotelevisión de Portugal (RTP) – Antena 2, Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa, Festival Ensems e Festival Mixtur, entre outros.

As suas obras têm sido estreadas por agrupamentos como Trío Arriaga, Ensemble Sonido Extremo, Neopercusión, Orquesta de Extremadura, Plural Ensemble, Orquesta Gulbenkian, Ensemble vocal Soli-Tutti, Ensemble Kuraia, Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, Cuarteto Dalia, Sinoidal Ensemble e Grupo Enigma, entre outros, e dirigidas e interpretadas por Miguel Romea, Fabián Panisello, Jordi Francés, Denis Gautheyrie, Nuno Coelho, Xelo Giner, David Apellániz, Juanjo Guillem, em Espanha, Portugal, Áustria, Croácia, Itália, Reino Unido, Brasil, México, Japão, Alemanha e França. Participou em festivais como o Ciclo de Música Actual de la Sociedad Filarmónica de Badajoz, Festival Encuentros Sonoros, Aula de (Re)estrenos de la Fundación Juan March, PHONA Cicle de Noves Músiques de Mallorca, Ciclo de Concertos de Música Contemporánea – Fundación BBVA, Festival Ensems (Espanha); Festival Música Viva, Síntese – Ciclo de Música Contemporânea da Guarda (Portugal); XVIII World Saxophone Congress (Croácia); Mishima Contemporary Music Days (Japão); Contemporanea – Festival di Nuova Música (Itália); Halleiner Gitarrenfestival (Áustria).

inesbadalo.com

**Jaime Reis** (Coimbra, 1983) iniciou os estudou musicais com António Tilly (5 – 12 anos de idade), prosseguindo-os no Conservatório de Música de Seia (12-17 anos). Entre os 17 e os 22 anos frequentou a Universidade de Aveiro onde concluiu a Licenciatura em Ensino de Música (Composição), recebeu três bolsas de mérito e estudou com João Pedro Oliveira. Entre os 22 e os 24 anos, frequentou o curso de doutoramento em Ciências Sociais, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Aos 24 anos iniciou o doutoramento em Ciências Musicais (FCSH-UNL) orientado pelos professores Salwa Castelo-Branco e Emmanuel Nunes, cujos seminários de composição frequentou regularmente desde 2003, a par de outros cursos, nomeadamente, com Karlheinz Stockhausen.

Aos 19 anos organizou o seu primeiro festival: Dni Muzyki Portugalskiej w Krakowie, posteriormente designado Festival DME (Dias de Música Electroacústica).

Tem proferido conferências e cursos em instituições como: Universidade de Woosuk – Coreia do Sul, Keio University – Tóquio, Uni. de Manila, Iloilo, Mindanao (e.o. nas Filipinas) SciencesPo – Le Havre, USP, UNICAMP, UFBA, UDESC, UFMG (e.o. no Brasil), Hochschule für Musik Franz Liszt Weimar, Cursos Stockhausen 2009 – Kürten, 42. Darmstadt Internationale Ferienkurse für Neue Musik, International Summer School of Systematic Musicology.

É investigador no INET-md. Tem leccionado em escolas como a ESART, Instuto Piaget, FCSH-UNL, EMNSC e Conservatório de Música de Seia, onde também integra a direcção pedagógica. Tem recebido encomendas de entidades como Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, Grupo Síntese, Duo Contracello, Borealis ensemble, UFT/INATEL, Festival Primavera, Logos Foundation (Belgium) e F.L.S.I. (Paris), entre outras.

É professor na Escola Superior de Música de Lisboa.

jaimereis.pt

**João Carlos Pinto** (Braga, 1998) estudou piano e composição no Conservatório Calouste Gulbenkian de Braga e licenciou-se em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa. Actualmente, prossegue estudos em Hamburgo, onde frequenta o Mestrado em Composição Multimedia na Hochschule für Musik und Theater Hamburg, com Alexander Schubert.

O seu trabalho tem sido apresentado em países como a Coreia do Sul, E.U.A., Colômbia, México, Argentina, Alemanha, França, Holanda, Áustria, Suíça, Itália, Bélgica, Noruega, Islândia, Espanha e, regularmente, ao longo de todo o território português.

Recebeu encomendas de entidades como UNESCO – Braga Media Arts / ZKM Karlsruhe, Gaudeamus, RTP / Antena 2, Casa da Música, Centro Cultural de Belém, JOP, ensemble neoN, Arte no Tempo e Câmara Municipal de Aveiro.

Enquanto performer, dedica-se à interpretação de obras de teatro experimental (com Tobias Pfeil, Diego Muhr), assim como a tocar instrumentos electrónicos que o próprio constrói e modifica (CACO.MEAL, Omniae Large Ensemble, Peter Evans’ Som Crescente e xD).

Foi finalista no Concurso de Composição Luciano Berio da Accademia Nazionale di Santa Cecilia (2023), obteve bolsas da Johannes Brahms Stiftung (2022) e da Sociedade Portuguesa de Autores (2021), venceu o “City to City” da UNESCO (ZKM - Karlsruhe, Braga Media Arts), em 2020, e foi o compositor seleccionado no tubo de ensaio 02, da Arte no Tempo. Foi ainda seleccionado para o Festival ManiFeste @ IRCAM | Centre Pompidou , em 2019, trabalhando com o ensemble NIKEL e Raphaël Cendo. No mesmo ano foi seleccionado para o “Biljoke Summer Academy” da ENOA, para os Laboratórios de Verão da gnration (com o projeto CACO.MEAL) e foi o Jovem Compositor Associado aos Estúdios Victor Córdon (parceria do Teatro Nacional São Carlos e a Companhia Nacional de Bailado).

joaocarlospinto.com

**João Moreira** (Lisboa, 2004) iniciou os seus estudos musicais aos 16 anos, com o compositor David Miguel, na Academia de Música de Telheiras, onde foi apresentado ao mundo da música contemporânea.

Em 2021, foi um dos 6 vencedores do concurso MATA Jr, o que resultou na estreia de uma obra para Quarteto de Cordas, em Nova Iorque, pelo Bergamot Quartet.

Desde então, participou em Masterclasses com Pierluigi Billone e Luís Naón, teve a oportunidade de discutir a sua música com compositores como Samuel Andreyev, Jaime Reis, João Quinteiro e Alexandra Karastoyanova-Hermentin, entre outros, de trabalhar com músicos de agrupamentos como o PHACE Ensemble, Ensemble DME, Bergamot Quartet, Solem Quartet e Irvine Arditti, e de ter a sua música tocada em 5 países (Portugal, Espanha, Inglaterra, Estados Unidos e Áustria).

Em Setembro, mudou-se para Londres, onde iniciou os seus estudos de composição com Helen Grime, na Royal Academy of Music, instituição em que é bolseiro.

**Joly Braga Santos** (Lisboa, 1924-1988), compositor, maestro, crítico musical e pedagogo português, começou a estudar violino e composição com 6 e 10 anos, respectivamente, tendo sido aluno de Luís de Freitas Branco no Conservatório Nacional. Em 1948, foi bolseiro do Instituto de Alta Cultura, uma das três bolsas de aperfeiçoamento artístico que lhe permitiram estudar musicologia, composição e direcção de orquestra no estrangeiro. Em Itália, frequentou o Curso Internacional de Regência com Herman Scherchen (Veneza, 1948), esteve no estúdio experimental de Gravesano com Antonino Votto (1957-58) e estudou com Virgílio Mortari (1959-60), Gioacchino Pasquali e Alceo Galliera, tendo também passado pela Suíça e pela Alemanha.

Integrou o Gabinete de Estudos Musicais da RDP/Emissora Nacional, instituição onde foi director de gravação e maestro assistente da Orquestra Sinfónica da RDP - Radiodifusão Portuguesa. Dirigiu também a Orquestra do Teatro Nacional de S. Carlos e a Orquestra Sinfónica do Porto. Muito activo como crítico musical, foi membro fundador da Juventude Musical Portuguesa e também professor de análise e composição no Conservatório Nacional, tendo integrado a “Comissão Orientadora” para a reforma desta instituição entre 1972 e 1974. Do seu catálogo, destacam-se principalmente as obras orquestrais e sinfónicas, mas escreveu também para música de câmara, coro, piano, bailado, teatro lírico e ópera radiofónica, entre outros. Em 1969, obteve o Prémio Internacional de Composição da UNESCO, pela sua 5ª Sinfonia. Foi distinguido com a Ordem de Santiago de Espada pelo Estado Português.

**Jorge Peixinho** (1940 - 1995) nasceu no Montijo e, após ter terminado os cursos de piano e de composição no Conservatório Nacional de Lisboa, estudou, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, como Boris Porena, em Roma, e Goffredo Petrassi, na Academia de Sta Cecília, onde obteve diploma de aperfeiçoamento em composição em 1961. Trabalhou ainda com Luigi Nono, em Veneza e, posteriormente, com Pierre Boulez e Karlheinz Stockhausen, nos Meisterkurse na Academia de Basileia.

Participou ainda em vários cursos internacionais de Darmstadt, entre 1960 e 1970, colaborando nos projectos de composição colectiva promovidos e dirigidos por Stockhausen, em 1967 e 1968. Participou em inúmeros festivais de música contemporânea, entre os quais os seguintes: Gaudeamus (Holanda, 1963), Madrid (1964), Veneza (1964) e, por diversas vezes, nos festivais de Royan (França) e Santos (Brasil), Buenos Aires (1970 e 1982), Maracaíbo (Venezuela, 1977), S. João del Rei (Brasil), Curitiba (1970), entre outros. Em 1972/73, efectuou um estágio no estúdio de música electrónica IPEM (Gent, Bélgica).

Peixinho foi membro do júri de vários concursos internacionais de composição: Festival Guanabara (Rio de Janeiro, 1970), Prémios Martin Codax (Vigo) e Fernando Pessoa (Lisboa), Concurso Viottti (Vercelli, Itália), Prémios de Composição Gulbenkian, Sociedade Portuguesa de Autores e Conselho Português da Música.

Em 1977, foi eleito membro do Conselho Presidencial da Sociedade Internacional de Música Contemporânea. Foi convidado para realizar várias obras no estúdio de música electrónica de Bourges (França) em 1979, 1989 e 1992. Colaborou regularmente nos Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea. Em 1970 fundou, juntamente com alguns músicos portugueses, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, com o qual realizou uma importante acção de divulgação da música do nosso tempo (em particular da nova música portuguesa) e realizou concertos em vários países da Europa, nomeadamente nos festivais de Royan e MANCA (Nice), RNE (Madrid, Santiago de Compostela) e Sevilha, Festival Gaudeamus e World Music Days (Holanda), Festival Antidogma (Turim), Bienal de Zagreb, Outono de Varsóvia e uma digressão no Brasil.

Teve encomendas de várias instituições portuguesas, entre as quais: SEC, Fundação Calouste Gulbenkian, Comissão dos Descobrimentos, Conselho Português da Música, Oficina Musical, Câmara Municipal de Matosinhos, Festival Internacional de Alicante, GMEB de Bourges, New Music Concerts (Toronto), Festival de Acqui Terme (Itália), assim como de artistas e agrupamentos nacionais e estrangeiros.

Peixinho foi galardoado com as Medalhas de Mérito Cultural e de Ouro da cidade do Montijo.

**Luciano Berio** (Oneglia, 1925 – Roma, 2003) iniciou os seus estudos musicais com seu pai, prosseguindo-os no Conservatório de Milão, sob a orientação de G. C. Paribeni e G. F. Ghedini. Em 1954 fundou, com Bruno Maderna, o Estúdio de Fonologia Musical da Radiotelevisão Italiana (RAI) de Milão, que dirigiu até 1961. Em 1956 fundou a revista Incontri Musicali, dirigindo até 1960 as manifestações musicais promovidas por esta.

Desenvolveu uma actividade intensa como professor nos Estados Unidos e na Europa, regendo cursos de Composição em Tanglewood (1960 e 1962), nos Cursos de Verão de Darlington (1961 e 1962), no Mills College, Califórnia (1962 e 1963), em Darmstadt, em Colónia, na Universidade de Harvard e, entre 1965 e 1972, na Juilliard School of Music, em Nova Iorque. Entre 1974 e 1979 colaborou com o IRCAM, em Paris. Tem, por outro lado, dirigido as mais importantes formações orquestrais nos Estados Unidos e na Europa. Em 1980, a City University of London conferiu-lhe um Doutoramento honoris causa. Em 1989 recebeu o Ernst von Siemens Musikpreis, de Munique. No ano académico de 1993-94 foi nomeado Charles Eliot Norton Professor of Poetry, na Universidade de Harvard. Em 1996, o Premio Nobel das Artes (Prémio Imperial) para a Música, conferido anualmente pela Associação para as Artes do Japão, foi atribuído a Luciano Berio, o primeiro italiano a receber, no âmbito da Música, este importante galardão, que lhe foi entregue oficialmente a 25 de Outubro desse ano, em Tóquio.

**Luís Salgueiro** (1993) é compositor de música instrumental, electrónica e mista, cuja atenção ao timbre e à produção material sonora é alimentada por conceitos do campo da cognição incorporada. Recentes e futuras col­ab­o­ra­ções includem peças para a Orques­tra Gul­benkian, o Quasar Sax­o­phone Quar­tet, os Philippe Mar­ques e Duarte Pereira Mar­tins e o trio recherche.

A sua música tem sido tocada na Alemanha, Estados Unidos da América e pelas mais importantes salas de concerto portuguesas, como a Fundação Calouste Gul­benkian, a Sala Sug­gia da Casa da Músi­ca, o Salão do Conservatório Nacional, o Palá­cio da Aju­da, Teatro Aveirense ou Forum Luísa Todi. Participou na Euro­pean Net­work of Opera Acad­e­mies, trabalhando com a Fundação Calouste Gul­benkian, assim como com a The­at­er­akademie August Everd­ing, em cooperação com a JOiN da Staat­sop­er Stuttgart.

Luís Salgueiro é mestre em composição pela Hochschule für Musik, The­ater und Medi­en Han­nover, onde estudou com Ming Tsao, Gor­don Williamson e Joachim Heintz, com uma bolsa DAAD, depois de ter concluído a licenciatura também em composição na Esco­la Supe­ri­or de Músi­ca de Lis­boa, sob a orientação de António Pin­ho Var­gas, Car­los Mare­cos e Luís Tinoco.

É membro da direcção e coordena os esforços editoriais do movimento patrimonial pela música portuguesa (mpmp). Desenvolve ainda um trabalho significativo como copista e editor musical, em especial no campo da música contemporânea, tendo colaborado com prestigiadas editoras europeias como Peters, Casa Ricor­di e Durand – Sal­abert – Eschig.

lsalgueiro.com

Após estudos no Conservatório Superior de Música e Dança de Paris, com Claude Ballif e Gérard Grisey, **Mark Andre** (Paris,1964) encontrou uma nova casa musical na Alemanha.

Descreve o encontro com a música de Helmut Lachenmann – cuja partitura do concerto para piano *Ausklang* se cruzou acidentalmente no seu caminho – como tendo sido uma revelação. Consequentemente, empreendeu extensos estudos em composição com Lachenmann na Escola Superior de Estugarda, trabalhando música electrónica com André Richard no experimental studio da Rádio do Sudoeste Alemão.

Mudando-se para a Alemanha, rapidamente recebeu encomendas e prémios como o Kranichsteiner Music Prize dos Cursos de Verão de Darmstadt (1996), o Primeiro Prémio no Concurso Internacional de Composição de Estugarda (1997) e o Prémio de composição da Ópera de Francoforte (2001). Em 1998, ensinou nos Cursos de Verão de Darmstadt. Em 2002, recebeu uma distinção da Fundação Ernst von Siemens.

Uma das obras mais importantes de Mark Andre da última década é o concerto para clarinete *über*, composto para Jörg Widmann e para a Orquestra Sinfónica da Rádio de Estugarda, que ganhou o Prémio Orquestral no Festival de Donaueschingen. O concerto para violino *an* foi estreado em 2016 no festival Acht Brücken, em Colónia, seguido pela obr*a …hin…*, para harpa e orquestra de câmara, em 2018.

Mark Andre iniciou a presente temporada com a estreia de *Sieben Stücke für Streichquartett* pelo Kuss Quartet na Elbphilharmonie. No festival Rainy Days na Philharmonie Luxembourg, Brad Lubman dirigiu a estreia absoluta de *Vier Echographien* à frente da Orquestra Filarmónica do Luxemburgo. Em Fevereiro de 2023, Ilya Gringolts e a Orquestra Sinfónica da Rádio de Viena, sob a direcção de Markus Poschner, fizeram a estreia austríaca do concerto para violino *an*. *Im Entschwinden*, para orquestra, foi lançada em Março pela Orquestra de Paris, sob a direcção de Klaus Mäkelä, no Musikverein Vienna, em que Mark Andre foi compositor em destaque em diversos concertos da temporada. Ainda esta temporada, *Dasein 1*, para agrupamento e electrónica (que marca o início de um novo tríptico para agrupamento), será estreada pelo Ensemble intercontemporain, no festival ManiFeste do IRCAM, na Philharmonie de Paris.

É membro da Academia de Artes de Berlim, Academia de Artes da Saxónia e Academia de Artes da Baviera, tendo sido agraciado com o título de Chevalier des Arts et des Lettres em 2011. Em 2012, foi associado do Instituto de Estudos Avançados em Berlim. Ensina na Academia de Música de Dresden.

**Nádia Carvalho** (1994) começou os seus estudos musicais em 2005, na Academia de Música de Costa Cabral, na classe de saxofone de Gilberto Bernardes. Mais tarde, viria a ter como professores Guilherme Bogas, André Ramos e Francisco Ferreira, com quem acabou o 8º grau, em 2012.

Licenciada em composição pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Instituto Politécnico do Porto (ESMAE/IPP, 2015), estudou com Dimitris Andrikopoulos, Filipe Vieira e Fernando Lapa, entre outros. Como parte desse plano de estudos, frequentou a Royal School of Music em Estocolmo, no âmbito do programa ERASMUS, trabalhando com Pär Lindgren, Bill Brunson, Mattias Sköld e Karin Reiqvnist.

Como complemento à formação artística, frequentou o mestrado integrado em Engenharia Informática e Computação na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP), que concluiu em 2020 com uma dissertação em informática musical.

Neste momento, frequenta o Programa Doutoral em Media Digitais na FEUP e desenvolve o seu projecto de investigação no Laboratório de Computação Musical e Sonora (SMC) da FEUP/INESC-TEC, sendo bolseira FCT.

Além das aulas, mantém actividade como saxofonista, sendo membro da Banda Filarmónica da Foz do Douro, do Grupo de Jazz da FEUP e da Orquestra Clássica da FEUP com a qual estreou, em 2016, uma obra sua encomendada pela mesma.

**Nuno Trocado** é um guitarrista, compositor e investigador que cruza várias constelações musicais contemporâneas. Integra grupos de improvisadores, como líder e como sideman, e compõe para diversas formações instrumentais e electrónica, participando ainda em projectos interdisciplinares.

É licenciado em Jazz/Guitarra e mestre em Composição e Teoria Musical pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, sendo actualmente doutorando na Universidade de Coimbra.

Entre os projectos que tem trazido a público, destaca *Cotovelo* [2017] e *Umbral* [2021], ambos cruzamentos entre música e monólogo teatral, com texto de Jorge Louraço Figueira, editados pelo Carimbo Porta-Jazz. Compôs *2458208*, para agrupamento e electrónica, gravada em disco pelo Ensemble de Música Contemporânea da ESMAE, cuja partitura está publicada pela editora MPMP. Recebeu ainda encomendas do Coreto Porta-Jazz, com três peças registadas em estúdio e editadas num vídeo-entrevista [2022], da Arte no Tempo e da Orquestra Jazz de Matosinhos. Contribuiu, como guitarrista e com ruídos vários, para os dois álbuns editados pelo colectivo Pãodemónio. Em 2019, lançou o disco *Vestiges*, em colaboração com o contrabaixista Sérgio Tavares e o multi-instrumentista britânico Tom Ward. Participou no projecto multimédia *Expurgar* [2021], concebido pela artista Dária Salgado. Em 2022, entre outras actividades, estreou Naiad Splash, com música para guitarra, dois saxofones e electrónica multicanal.

Nuno Trocado recebeu apoios do Ministério da Cultura/DGArtes, da Fundação GDA e da Fundação Calouste Gulbenkian.

nunotrocado.com

**Olívia Silva** (Porto, 1996) foi premiada em diversos concursos, entre os quais o “Nano Músicos Electroacústicos 2014”, onde obteve 3º prémio pela composição de uma peça para flauta e electrónica. Participou também no festival “Monaco Electroacustique 2015”, onde teve a oportunidade de contactar com destacados compositores do campo da música electroacústica, nomeadamente Flo Menezes, João Pedro Oliveira e Åke Parmerud. Foi uma das compositoras convidadas a participar no projecto EMSCAN – 21 Peças do Século XXI, de que resultou a composição de uma obra didáctica para flauta e electrónica, adequada ao nível do ensino secundário.

Os seus projectos mais recentes incluem uma obra para ensemble intitulada Positive messages in a falling apart world, parte de uma colaboração entre a ESMAE, ESML e o Departamento de Música da Universidade de Évora intitulado “Criação, Circulação, Registo Áudio e Edição de Obras de Música Portuguesa Contemporânea”. Este projecto proporcionou a divulgação e edição da mesma em partitura e CD em formato físico e online. A instalação Dancing about architecture, desenvolvida em conjunto com João Maia, Diogo Borges e Miguel Moreno e com os bailarinos Carlos Deusodeu e Isa Araújo, foi também seleccionada como vencedora do EDIGMA Semibreve Scholar e apresentada no “Electronic Music and Digital Art Festival – Semibreve 2020”, que decorreu no Mosteiro de Tibães, em Braga. Desenvolve projectos com diversos agrupamentos e músicos, focando-se na exploração de formas experimentais de concerto e de novas abordagens colaborativas de criação com bailarinos e músicos. Compõe regularmente obras para diversas formações instrumentais, música electrónica, instalações e obras interactivas, assim como música para dança.

Frequentou aulas e seminários com Helmut Lachenmann, Johannes Kalitzke, Harrison Birtwistle, Åke Parmerud e Vic Hoyland, entre outros compositores.

Como estudante do Mestrado em Composição na ESMAE, o seu trabalho centrou-se na composição de obras interactivas para bailarinos, músicos e electrónica. As obras desenvolvidas apresentam o uso do movimento como um parâmetro de controlo da música, através de tecnologia sensorial, com o sistema interactivo, o corpo e o espaço como instrumentos.

Neste momento, encontra-se a frequentar o Mestrado em Ensino de Música, na variante de Análise e Técnicas de Composição, na mesma instituição.

**Rebecca Saunders** (Londres, 1967) vive em Berlim e é uma das compositoras mais distintas da sua geração. Estudou Composição na Universidade de Edimburgo, com Nigel Osborne, e em Karlsruhe, com Wolfgang Rihm. Recebeu numerosos prémios de composição, incluindo o Ernst von Siemens Förderpreis, o musicaviva ARD e BMW, o Prémio Paul Hindemith, o Prémio de Composição para Música de Câmara da Royal Philharmonic Society, em 2008, e o Prémio GEMA para Música Instrumental, em 2010.

Em 2009, tornou-se membro da Academia de Artes de Berlim e, na temporada de 2009/10, foi Compositora em Residência na Staaskapelle Dresden. Leccionou nos Cursos de Darmstadt em 2010 e 2012 e, ainda, no Impuls em Graz (2011) e Dias da Música de Ostrava (2009). A sua música é publicada pela Edition Peters desde 1997.

**Rúben Borges** (Vila Nova de Gaia, 1994) é compositor, performer e artista multidisciplinar. Licenciou-se em Composição pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE, Porto) e é Mestre em Composição Musical (cum laude) pelo Conservatório Real de Antuérpia. Actualmente frequenta o Mestrado Avançado em Música Contemporânea sob a orientação de membros do ICTUS ensemble e SPECTRA ensemble, no Conservatório Real / Escola de Artes de Gent.

Colaborou com vários músicos da panorama nacional português e foi premiado nas 6ª e 7ª edições do “Prémio de Composição Século XXI”, organizado pela ARTEAM. Em 2018, foi artista residente da Estalagem da Ponta do Sol Contemporary Music and Electronics Residency, na Madeira. Integrou a European Opera Academy no EOA Lab (2021), onde participou na criação de uma micro-ópera, e na International Opera Creation, Improvisation, and Performance Incubator (2022), com masterclasses na Lituânia, o que culminou na estreia de uma pequena ópera-instalação.

Co-fundou a estrutura colaborativa BANQUETE, de investigação e criação multidisciplinar nas artes, da qual é investigador associado e criador. A sua música tem sido apresentada na Alemanha, Bélgica, Portugal e Espanha, em eventos como o Festival DDD, Ciclo Estado da Nação, bienal Aveiro\_Síntese, Festival Música Viva, Operafest Lisboa, Síntese – XIV Ciclo de Música Contemporânea e XII Ciclo de Musica Atual (Badajoz).

Encomendas e colaborações recentes incluem trabalhos para o Síntese – Grupo de Música Contemporânea, Hodiernus Ensemble, Duartes Vocal Ensemble, Arte no Tempo e os solistas Adam Starkie, Eva Boesch, Karin de Fleyt, Katie Porter, Keiko Murakami e Marc Tooten.

Participou em masterclasses com Åke Parmerud, Francesco Filidei, Gilbert Nouno, Harrison Birtwistle, Jessie Marino e Patricia Alessandrini, entre outros.

Através de métodos colaborativos não hierárquicos, Rúben Borges desenvolve peças inter-artes que exploram as relações entre música e arte performativa desenvolvendo conceitos como corpo, espaço, imagem em movimento e som.

**Sara Marita** (Porto, 1999) estudou piano e composição no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga. Licenciou-se em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa. Actualmente, é mestranda em Teatro – Artes Performativas na Escola Superior de Teatro e Cinema.

Assistiu a masterclasses, workshops e conferências com diversos compositores e intérpretes, destacando Joëlle Léandre, Annette Vande Gorne, Kaija Saariaho. Participou no festival MIXTUR 2021, em Barcelona.

Frequentou o workshop De que nos serve a ilusão? com a actriz Beatriz Batarda e as Jornadas de Teatro organizadas por Sara Barros Leitão, no Teatro Oficina. Realizou, também os workshops The Lucid Body, com Thiago Félix, na ACT – Escola de Actores e Escrita para Intérpretes e Criadores, com Sara Carinhas, na Academia Gerador.

Tem tido obras tocadas em Portugal e no estrangeiro, em diversos festivais. Salienta particularmente o U!REKA Lab: urban commons – Frankfurt; a bienal Monaco Electroacoustique 2019; BoCA 2019 (Biennale of Contemporary Arts). Recebeu encomendas de entidades como RTP/ Antena 2, Orquestra Sem Fronteiras, Partilha Alternativa e Quarteto Euterpe, entre outros.

Trabalha habitualmente em espectáculos e/ou com colectivos de cariz multidisciplinar, enquanto compositora e performer, destacando Um + Um = Um com COMPOTA – direcção artística de Paula Pinto, Um Concerto de filmes em CINE’BANDA – direcção artística e musical de Laurent Filipe e Alberto Roque, respectivamente; e o projeto DEVANEIO, uma co-criação com Aoaní d’Alva e Sofia Pádua.

**Solange Azevedo** (Póvoa de Varzim, 1995) é compositora e artista multidisciplinar. A sua criação musical constrói-se de relações entre outras artes, estando presentes referências oriundas da pintura, da literatura ou do cinema, e de experiências de observação e contemplação da natureza e da natureza humana.

As suas obras foram tocadas em festivais como HARMOS Festival (2017), Festival Musica (2018), Festival Síntese (2021), Aveiro\_Síntese (2022) e em países como Portugal, França, Áustria e Lituânia. Escreveu para os músicos Jonathan da Silva e Luís Salomé e para grupos como MPMP, Síntese - GMC, Quarteto Contratempus e Duo Interdito.

Em 2022, foi Jovem Compositora em Residência da Casa da Música, com encomendas para a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Remix Ensemble e Dialecticae Trio.

Em 2021, foi seleccionada para o workshop ENOA - Composing for Voices and Orchestra, orientado pela compositora de Kaija Saariaho e, em 2022, como resultado desse mesmo workshop, viu a sua obra *embody [the spring]* [2022], com poema de Rabindranath Tagore, ser estreada pela soprano Camila Mandillo, pela Orquestra da Fundação Calouste Gulbenkian, sob direção de Pedro Amaral.

Entre 2019 e 2021, colaborou com o European Opera Academy - LAB na criação e na discussão do futuro da ópera, em Maastricht, em Vilnius e no Porto.

Em 2018, foi seleccionada para a Academia de Composição - Philippe Manoury, Estrasburgo, onde teve aulas com o próprio, com Luca Francesconi e a sua obra *Traum* [2018], para sexteto vocal, foi estreada pelos Neue Vocalsolisten Sttutgart.

Desde 2020, integra o colectivo de criação artística Plataforma do Pandemónio, que agrega artistas de diferentes áreas e onde tem vindo a integrar projectos interdisciplinares.

É licenciada e mestre em composição pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE - IPP), Porto, onde estudou composição com Carlos Azevedo, Filipe Vieira e Dimitris Andrikopoulos. Sob orientação de Eugénio Amorim e de Ana Isabel Freijo, investigou as relações entre elementos musicais e pictóricos no seu processo criativo. A necessidade de investigar tais relações é fruto do profundo interesse da compositora, que também é pintora.

**----- INTÉRPRETES**

Com uma profunda sensibilidade para a realidade sociopolítica e com uma visão artística distinta, **Andrea Conangla** (Portugal / Espanha) está a deixar a sua marca na música clássica e contemporânea, como cantora e compositora-improvisadora. O seu trabalho criativo concentra-se em temas sociopolíticos, como os *social media*, feminismo e política corporal: uma artista multifacetada que prospera na intersecção entre intervenção artística, activismo e música composta e improvisada.    
Radicada na Alemanha desde 2017, Andrea completou o mestrado em Música Contemporânea com distinção na Hochschule für Musik und Darstellende Kunst Stuttgart, com Angelika Luz, fez uma pós-graduação em canto clássico, com Ulrike Sonntag, frequentou a Schubertklasse liderada pelo pianista Thomas Seyboldt e também recebeu impulsos de composição de Martin Schüttler. Andrea é mestre em Ensino de Música pela Universidade de Aveiro, onde se especializou no ensino da voz através do movimento e da improvisação, adicionalmente ao ensino do canto clássico. Participou ainda em masterclasses com Sarah Maria Sun, Donatienne Michel-Dansac, Thomas Seybolt, Margaret Honig, Susan Waters e Anna-Maria Hefele (*overtone singing*), entre outros. Foi a vencedora do Concurso Internacional de Música Santa Cecília 2013 (Porto).  
Requisitada frequentemente como solista em ópera, oratória e teatro musical contemporâneo, cantou com orquestras, casas de ópera e agrupamentos como a Orquestra Filarmónica de Munique, Staatsoper Stuttgart, ilGustoBarocco e o Aleph Guitarrenquartett, entre outros. Andrea cantou Matthäus-Passion, H-Moll Messe e *Weihnachtsoratorium* de Johann Sebastian Bach, *Messias* de Georg Friedrich Händel, *Regina Coeli* de Wolfgang Amadeus Mozart, *Ein deutsches Requiem* de Johannes Brahms e *Requiem* de Frederick Delius, bem como os papéis de Tarquino na ópera *Muzio Scevola* de Filippo Amadei, Georg Friedrich Händel e Giovanni Bononcini e Eulália em *O’ KARAKINO* de Uday Krishnakumar, entre outros.

No contexto de ensemble, Andrea manteve compromissos com SWR Vokalensemble, Kammerchor Stuttgart e Ensemble Cythera. É fundadora do Kollektiv TRIGGER, agrupamento de vozes femininas dedicado à música contemporânea.  Em 2020, foi premiada com o apoio do Kunststiftung Baden-Württemberg e, em 2021, com o apoio InSzene:Vokal (Podium Gegenwart, Deutscher Musikrat) para jovens artistas promissores no campo da música contemporânea. É professora de improvisação vocal na Staatliche Hochschule für Musik Trossingen, desde 2020. Como professora convidada, Andrea leccionou workshops e seminários na Balleteatro (Porto) e na Universidade de Música Łódź (Polónia).

andreaconangla.com

**José Pereira** iniciou os estudos musicais na Banda Musical Lanhelense. Mais tarde, estudou na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo, com Armando Gonzalez, e na Academia Nacional Superior de Orquestra, com Aníbal Lima. Frequentou masterclasses com Serguei Arantounian, Nicolas Chumashenco, Anotoli Swarzburg, Evélio Teles, Aníbal Lima, Gerardo Ribeiro, Lee-Chin Siow, Ilian Gronniz, Serguei Kravechenco, Vadim Répin e Thomas Brandies, entre outros. Em 2003 e 2004, recebeu, respectivamente, o 2º Prémio e o 1º Prémio em Violino - Nível Superior no Prémio Jovens Músicos da RDP - Antena 2.

Já trabalhou com os maestros Peter Rundel, Emilio Pomárico, Brad Lubman, Paul Hillier, Michael Sanderling, Olari Elts, Joseph Swensen, Stefan Asbury e Peter Eötvös, entre outros. Tocou com orquestras como a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Académica Metropolitana, a Orquestra Pedro Álvares Cabral e a OrquestrUtópica, entre outras. É membro fundador do Ensemble Contrapunctus e do Webern Trio, e apresenta-se regularmente com o Sond’Art Electric Ensemble, o Ensemble Darcos e o MusikFabrik. Em 2014, tocou a solo com a Orquestra de Sopros do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro e com a Orquestra Clássica de Espinho.

Para lá de já se ter apresentado em todas as principais salas de concerto nacionais e de integrar regularmente a programação dos principais festivais de música portugueses, também actuou em Valência, Roterdão, Huddersfield, Barcelona, Estrasburgo, Paris, Orleães, Bourges, Reims, Antuérpia, Madrid, Budapeste, Norrköping, Viena, Witten, Berlim, Amesterdão, Colónia, Zurique, Luxemburgo e Bruxelas. Em 2011, com o Remix Ensemble, apresentou-se no Wiener Festwochen (Viena), no Festival Agora (IRCAM – Paris) e, em 2012, no festival Musica de Estrasburgo e na Filarmónica de Berlim. É também com o Remix Ensemble que tem vários discos editados, com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Rehnqvist, Dusapin e Francesconi, sendo que o disco dedicado a Dusapin mereceu destaque na revista Gramophone, sendo incluído na lista da Escolha dos Críticos de 2013.

Entre os principais projectos mais recentes, destaca-se a participação a solo com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a participação como Concertino Convidado na Orquestra Basel Sinfonietta, a estreia mundial da ópera *Giordano Bruno*, de Francesco Filidei, pelo Remix Ensemble Casa da Música, no Porto e em Estrasburgo, e também a estreia mundial de *RI-TRATTO* para violino solo, do compositor Heinz Holliger.

Actualmente, José Pereira é membro do Remix Ensemble Casa da Música, 2.º Concertino na Orquestra Metropolitana de Lisboa e professor de Violino na Academia Nacional Superior de Orquestra.

**Kuniko Kato** é uma das mais dotadas percussionistas da sua geração. O seu espantoso virtuosismo, requintada visão musical, expressivo e elegante estilo performativo não deixam de atrair, não apenas audiências, como também maestros e compositores consagrados. É reconhecida pela sua técnica irrepreensível, quer em lâminas quer em percussão, que combina na perfeição com a sua profunda inteligência musical.

Kuniko estudou na Escola de Música Gakuen, em Tóquio, com o lendário intérprete de marimba Keiko Abe, prosseguindo estudos com Robert van Sice, no Conservatório de Roterdão, onde se graduou (summa cum laude) como primeira percussionista na história da instituição.

Depois de concluir os seus estudos, fixou-se na Europa por mais de dez anos, onde ganhou importantes prémios como, em 1996, o Kranichsteiner Musikpreis do Internationales Musikinstitut Darmstadt e o segundo prémio do concurso de marimba International Leigh Howard Stevens. Em 1997, Kuniko gravou o Concerto para Marimba de James Wood, em Londres, onde a sua actuação foi muito aplaudida pela BBC. Foi ainda solista convidada do concerto monográfico de James Wood, no Festival de Música Contemporânea de Huddersfield de 2001, transmitido pela rádio BBC3. Em 1999, lançou o seu primeiro álbum a solo, To the Earth.

Nos momentos altos da sua carreira incluem-se a estreia japonesa da produção de teatro musical de Wood, The Pure Land (Jôdo), em 2005; a recriação do concerto para percussão Cassiopeia, de Tōru Takemitsu, em Maio de 2006, no Takemitsu Memorial Concert, na Ópera de Tóquio. Esta interpretação foi gravada ao vivo e distribuída em CD de edição limitada. Entre 2008-09, Kuniko apresentou-se a solo no 1o Festival Internacional de Percussão da Universidade de São Paulo, apareceu no histórico Monday Evening Concert de Los Angeles, num recital a solo na New Music Society de Vancouver e na estreia japonesa do Double Concerto de Unsuk Chin, no Festival de Verão de Suntory. Em Março de 2009, Kuniko criou uma nova performance ao vivo, em Tóquio: Sound Space Experiment – Steel Drum Works. Neste espectáculo, apresentou em estreia mundial Electric Counterpoint, de Steve Reich, transcrita pelo compositor para steel drums, marimba e vibrafone. Em 2010, foi convidada para dar concertos e masterclasses no Canadá, Austrália, Portugal, Congo e África do Sul. Kuniko apresentou ainda Steel Drum Works em Vancouver, Saitama e Itami, e no festival internacional de música Les Flâneries Musicales de Reims, em 2011. Aclamada pela crítica, a edição kuniko plays reich, distribuída pela Linn Records, em 2011, contém arranjos exclusivos de várias obras clássicas minimalistas dos anos 80, de Steve Reich, apresentados ao vivo em Tóquio, Nova Iorque, Modena, Reims e no Festival de Cheltenham, em Inglaterra. Em 2012, Kuniko fez uma digressão mundial, com múltiplas performances no Japão, Paris, Madrid, Barcelona, Colónia, Austrália e uma residência na Arménia. kuniko plays reich in Kyoto, apresentado no Centro de Artes de Kyoto, em 2012, mereceu o prestigiado 12o Keizo Saji pela Suntory Arts Foundation.

Em 2013, o seu muito aguardado segundo álbum pela Linn foi mundialmente difundido, contemplando o primeiro arranjo para percussão de quatro obras do compositor estónio Arvo Pärt. Este álbum, intitulado Cantus, esteve no Top 10 Specialist Classical Chart britânico e recebeu o 26o ‘Best Recording’ do Music Pen Club japonês.

Em 2016, Kuniko lançou um álbum com as magistrais Pléïades e Rebonds a. b., de Iannis Xenakis, que mereceu uma dupla nomeação da Academia Japonesa, para as categorias de ‘Best Contemporary Music’ e ‘Best Recording’. 2017 foi o ano do lançamento da Obras Solo para Marimba, em que Kuniko interpreta as Suites para Violoncelo e as Sonatas para Violino de J. S. Bach. Este álbum começou como número 2 no Classical Billboard Chart do Japão, foi o mais vendido do ano da Linn Records e arrecadou o 10º Grande Prémio CD Shop do Japão.

Em 2018, Kuniko gravou o seu quinto álbum de estúdio, Drumming, um regresso da talentosa percussionista à música de Steve Reich, compositor da sua preferência desde 2011. O concerto ao vivo no Suntory Hall recebeu o prémio da excelência no 73º National Arts Festival da Agency for Cultural Affairs Japan.

Mais recentemente, Kuniko foi nomeada embaixadora especial da sua cidade natal, Tokyohashi, Aichi, no Japão.

Kuniko está fortemente implicada na educação musical, realizando oficinas de percussão, masterclasses e ensaios abertos, sempre que possível no contexto de recitais a solo. Desde 2004, tem trabalhado com crianças incapacitadas, no Japão, incluindo uma série de oficinas de log drum (slit drum).

Kuniko Kato é a única artista japonesa na Linn Records e é representada globalmente pelas holandesas Pearl e Adams. Actualmente, reside nos Estados Unidos da América.

kuniko-kato.net

**Luís Salomé** (Guarda, 1998) iniciou os seus estudos musicais na Banda Filarmónica de Pínzio, tendo prosseguido estudos de saxofone no Conservatório de Música de S. José da Guarda, na classe do Professor Carlos Canhoto. Posteriormente, ingressou na Licenciatura em Música da Universidade do Minho, na classe do Professor Luis Ribeiro. Concluiu o mestrado na classe do Professor Vincent David, no Conservatoire Royal de Bruxelles. Actualmente, frequenta o Mestrado em Ensino de Música na Universidade do Minho.

Obteve o 2º prémio no IV Concurso de Sons da Cabral, na quarta categoria, em 2016 e, ainda, o 2º prémio no Concurso Internacional de Saxofone Buffet Crampon, na categoria C, em 2017. No ano de 2019, ganhou o 1º prémio do Concurso S. Cecília, na Universidade do Minho. Obteve o 2º prémio no Concours International Leopold Bellan, em 2020 e o 3º prémio no VIII Concurso Internacional de Saxofone Vitor Santos, em 2021. Ganhou o 2º prémio no Alpen Classica Saxfest Competition em 2022.

Frequentou masterclasses orientadas pelos professores Antonio Belijar, Arno Bornkamp, Jérôme Laran, Marcus Weiss e Otis Murphy, entre outros.

Frequentou também o Workshop de Electroacústica em ambiente Pure Data, orientado por João Pais, em 2013. Participou em várias edições do Festival de Música da Beira Interior, tocando a solo com a orquestra do Conservatório da Guarda. Frequentou dois estágios de orquestra sinfónica sob a direção do maestro Francesco Bellí, com concertos na ESPROART e na Casa da Música, em 2012. Participou com a orquestra EURO Sax 100 no SaxOpen em Estrasburgo; mais tarde, com o Quarteto SaxUm e com o Ensemble de Saxofones da Universidade do Minho no EurSax no Porto e, ainda, com o Quinteto Quimera no Congresso Mundial de Saxofone em Zagreb. Apresentou-se a solo no Teatro Aveirense, num concerto integrado na bienal Aveiro\_Síntese 2018. Participou ainda no projecto “Sente-me, Ouve-me, Vê-me”, inserido na BoCA 2019.

Fez parte do Belgian Saxophone Choir, com o qual gravou o álbum Serenade (2020). Desenvolveu o projeto "O saxofone inspirado na poesia guardense", em conjunto com os compositores Cândido Lima, Solange Azevedo e Pedro Lima. Participou no Festival Síntese 2021 e no Guimarães Allegro em 2022.

É membro fundador do Merus Ensemble (agrupamento de saxofones) e do Hodiernus Ensemble (dedicado à música contemporânea).

Professor, Investigador e solista de percussão com intensa actividade concertística, **Nuno Aroso** (Porto, 1978) desenvolve a sua carreira focado no desenvolvimento da literatura para a sua área instrumental. Tocou em estreia absoluta mais de 120 obras, em formato de concertos para percussão, música de câmara e solos, e gravou parte deste repertório em inúmeras edições discográficas.

Apresenta-se ao vivo em palcos de Portugal, França, Alemanha, Bélgica, Espanha, Itália, Eslovénia, Brasil, China, Tailândia, Suíça, África do Sul, Argentina, Grécia, Suécia, Inglaterra, Canadá, Bulgária, Tunísia, Escócia, Coreia do Sul, Chile e EUA.

Particularmente motivado para o enriquecimento e renovação da forma do concerto enquanto espectáculo completo e multidisciplinar, desenvolve com frequência relações artísticas com outras disciplinas: Dança, Cinema, Teatro, Literatura, “Media Arts”. O compromisso com a música de câmara leva Nuno Aroso a colaborar com inúmeros artistas e colectivos portugueses e europeus, em múltiplos contextos, desde os mais formais até aos que se movem por caminhos do experimentalismo e da improvisação.

Nuno Aroso licenciou-se pela Escola Superior de Música do Porto com a classificação máxima e prosseguiu estudos em Estrasburgo e Paris. É doutorado pela Universidade Católica Portuguesa, onde defendeu a tese *The Gesture’s Narrative – Contemporary Music for Percussion*.

Lecciona na Universidade de Aveiro e na Escola Superior de Música de Lisboa. Estende a sua actividade docente a outras prestigiadas universidades, conservatórios e festivais de música um pouco por todo o mundo: McGill University (Canadá), Universidade Federal de Belo Horizonte (Brasil), Conservatório Superior de Aragão (Espanha), Concorso Musical Paolo Serrao (Itália), Festival de Percussão de Uberlandia (Brasil), Days of Percussion – Athens (Grécia), World Percussion Movement – Bari (Itália), Universidade Federal da Bahia (Brasil), Oficinas da Música de Curitiba (Brasil), Connect Festival – Malmö (Suécia), Konart Percussion Academy Barcelona (Espanha), Universidade de la Plata (Argentina), Conservatório de Macau (China), Conservatório de Paris (França), Northwestern University (EUA), University North Texas (EUA), Festival de Percusión de Patagónia (Argentina), Valencia Percussion Academy e Escuela Superior de Música de Extremadura – Musikex (Espanha), Manhattan School of Music (EUA), Universidad Alfonso X – UAX (Espanha), entre muitos outros.

Com a temporada 2022/23, **Nuno Coelho** (Porto, 1989) estreia-se como Maestro Titular e Director Artístico da Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias. Esta temporada marca também o quinto ano como Maestro Convidado da Orquestra Gulbenkian em que, além de outros projectos com a orquestra, dirigiu uma produção reimaginada da ópera *Don Giovanni*, de Mozart, através da peça de teatro de José Saramago, assinalando assim o centenário do escritor.

Nesta temporada, estreia-se à frente de orquestras como a Orquestra Real do Concertgebouw, Filármonica de Tampere e St. Gallen, voltando a trabalhar com a Orquestra Sinfónica de Antuérpia e de Tenerife. Da passada temporada, destacam-se as actuações com as orquestras Filarmónica de Helsínquia, Filarmónica de Dresden, Orquestra da Ópera de Hannover, Filarmónica de Luxemburgo, Sinfónica de Malmö e Gävle, Filarmónica de Estrasburgo e Orquestra Nacional de Lille. Em Espanha, continuou a estreita relação com a Sinfónica da Galiza e Barcelona.

Em Março de 2022, dirigiu uma versão semi-encenada de *Così fan tutti*, na Fundação Gulbenkian. No âmbito do repertório operático, dirigiu também *La Traviata*, *Cavelleria rusticana*, *Hänsel und Gretel*, *Rusalka*, *Das Tagebuch der Anne Frank* e *Sieben Todsünden*. Foi ainda assistente de Marc Albrecht na produção de *Parsifal* para a Dutch National Opera.

Vencedor do Concurso Internacional de Direcção de Orquestra de Cadaqués em 2017, tem-se apresentado desde então com a Orquestra Real de Liverpool, Filarmónica da BBC, Sinfónica de Castela e Leão, Orquestra do Teatro Regio de Turim, Sinfónica de Hamburgo e a Orquestra Beethoven de Bona.

Na temporada 2018/19, dirigiu por diversas vezes a Filarmónica de Los Angeles enquanto Dudamel Conducting Fellow e dirigiu um concerto juntamente com Bernard Haitink e a Sinfónica da Rádio da Baviera. Entre 2015 e 2017, foi Maestro Assistente da Orquestra Filarmónica da Holanda e Conducting Fellow do Festival de Tanglewood, nos EUA.

Nuno Coelho estudou violino em Klagenfurt e Bruxelas, e direcção de orquestra em Zurique, com Johannes Schlaefli. Recebeu o 1º Prémio no Concurso de Direcção do Prémio Jovens Músicos da Antena 2, o Neeme Järvi Prize do Festival Menuhin de Gstaad e foi finalista no Concurso do Festival de Salzburgo para jovens maestros. Em 2014, foi bolseiro da Fundação Gulbenkian e, em 2015, foi aceite no Dirigentenforum do Centro Alemão para a Música, que mais tarde o nomeou para a sua lista Conductors of Tomorrow.

Fora dos palcos, literatura, política e ténis são os seus principais hobbies.

**Pedro Neves** é, actualmente, Director Artístico e Maestro Titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa, desempenhando paralelamente as funções de Maestro Titular da Orquestra Clássica de Espinho. Foi Maestro Titular da Orquestra do Algarve, entre 2011 e 2013 e, posteriormente, Maestro Associado da Orquestra Gulbenkian, entre 2013 e 2018. É convidado regularmente para dirigir a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Filarmonia das Beiras, a Orquestra Clássica do Sul, a Orquestra Clássica da Madeira, a Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo, a Orquestra Sinfónica de Porto Alegre, a Orquestra Filarmónica do Luxemburgo e a Real Filarmonia da Galiza. No âmbito da música contemporânea, tem colaborado com o Sond’arte Electric Ensemble, com o qual realizou estreias de vários compositores portugueses e estrangeiros, realizando digressões pela Coreia do Sul e Japão. Tem também colaborado com o Remix Ensemble Casa da Música, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e o Síntese Grupo de Música Contemporânea. É fundador da Camerata Alma Mater, agrupamento dedicado à interpretação de repertório para orquestra de cordas e com a qual tem recebido uma elogiosa aceitação por parte do público e da crítica especializada.

Pedro Neves iniciou os seus estudos musicais em Águeda, sua terra natal. Estudou violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera, respectivamente, no Conservatório de Música de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e na Escuela de Música Juan Pedro Carrero (Barcelona), com o apoio da Fundação Gulbenkian. No que respeita à Direcção de Orquestra, estudou com Jean-Marc Burfin, obtendo o grau de Licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra, com Emilio Pomàrico, em Milão, e com Michael Zilm, de quem foi assistente. O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, coerência e seriedade da interpretação musical.

**Rita Castro Blanco** (1993) é uma das mais promissoras jovens maestrinas portuguesas, tendo-se estreado recentemente com a Orquestra Gulbenkian, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra das Beiras, Orquestra do Norte e os grupos Síntese – Grupo de Música Contemporânea e Capdeville Ensemble. Rita Castro Blanco desenvolve a sua carreira maioritariamente em Portugal e no Reino Unido, onde deteve o posto de Maestrina Titular da Huddersfield Philharmonic Orchestra de setembro de 2019 a janeiro de 2022.

Rita Castro Blanco tem vindo a desenvolver a sua experiência e interesse nos campos da música operática e contemporânea, que culminaram na sua selecção para integrar o novo programa de Mentoria para Maestrinas do Festival d’Aix-en-Provence e para ser uma de apenas quatro Conducting Fellows do Festival de Lucerne, ambos no verão de 2021.

No verão de 2020 foi Directora Musical da competição “Maratona Ópera XXI” inserida no Operafest Lisboa 2020, onde estreou 7 óperas originais portuguesas nos Jardins do Museu Nacional de Arte Antiga, encenadas por António Pires.

Como Maestrina Assistente, foi convidada para vários projectos operáticos como Così fan tutte, de W.A. Mozart, com a Orquestra Gulbenkian e Nuno Coelho (Março 2022), La Passion de Simone, da finlandesa K. Saariaho, com a Orquestra Nacional do Teatro S. Carlos e Joana Carneiro (Maio 2021), Missa de L. Bernstein, com a Orquestra Gulbenkian e Clark Rundell (Dezembro 2019), Suor Angelica e Gianni Schicchi, de G. Puccini, com a orquestra operática do RNCM e Martin André (Dezembro 2018), e na estreia de Beaumarchais, encomenda conjunta da Fundação Calouste Gulbenkian e do Teatro Nacional D. Maria II com a Orquestra Gulbenkian e Pedro Amaral (2017).

Rita Castro Blanco iniciou os seus estudos musicais no Conservatório de Música Metropolitano de Lisboa, dando-lhes posteriormente continuidade na Academia Nacional Superior de Orquestra, onde obteve a Licenciatura em Música de Direcção na classe de Jean-Marc Burfin. Em 2019, concluiu o Mestrado de Música em Performance do Royal Northern College of Music, na classe de Clark Rundell e Mark Heron. Na prova final de Mestrado, Rita dirigiu de forma segura e inspiradora um programa diverso e exigente à frente da BBC Philharmonic, que contou com a estreia mundial do Concerto para Saxofone de Tom Harrol, compositor escocês internacionalmente premiado, e o poema sinfónico de Luiz de Freitas Branco, Anthero de Quental.

Durante os estudos no RNCM, colabrou como Maestrina Assistente nas orquestras da BBC Philharmonic, Royal Liverpool Philharmonic Orchestra, Manchester Camerata e Hallé, numa variedade de maestros, agrupamentos e repertório. Tem tido o privilégio de participar em conceituadas master classses e trabalhar com grandes maestros e pedagogos internacionais. Esta lista inclui Sir Mark Elder, Johannes Schlaefli, Mark Stringer, Thomas Hengelbrock, Mark Shanahan, Jessica Cottis e as orquestras da BBC Philharmonic, City of Birmingham Symphony Orchestra, Stavanger Symphony Orchestra, Balthasar Neumann Ensemble, Royal Opera House, London Sinfonietta e CHROMA Ensemble.

Os seus próximos compromissos incluem a Conducting Fellowship do Festival de Tanglewood e, ainda, concertos com a Orquestra do Festival de Mafra e a Lucerne Festival Contemporary Orchestra, onde irá trabalhar com os compositores galardoados com a Roche Young Commissions de 2023.

ritacastroblanco.com

**Tiago Patrocínio Coimbra** (1990) é oboé solista na Göttinger Symphonie Orchester (Alemanha) e integra também a Orquestra Filarmonia das Beiras.

Foi membro da Gustav Mahler Jugendorchester e colaborou como oboé solista com a NDR Radiophilharmonie Hannover, MDR Sinfonie-orchester Leipzig, Staatsoper Hannover, Staats-orchester Braunschweig, Staatsorchester Kassel, Remix Ensemble, Orquestra XXI e Orquestra Filarmónica Portuguesa, integrando ainda a Luzerner Sinfonieorchester, Opernhaus Zürich, Orquestra Gulbenkian e Orquestra Nacional do Porto. Actuou nas principais cidades europeias, bem como na Rússia, China e Japão.

Tiago Coimbra foi premiado em vários concursos internacionais e apresentou-se a solo com a Basel Kammerorchester, Argovia Philharmonic, Göttinger Symphonie Orchester, Philharmonic of Yakutia e com a Orquestra Filarmonia das Beiras.

A música de câmara assume um papel importante na sua carreira, pelo que é membro fundador do Art’Ventus Quintet e trabalha regularmente com o ensemble Camerata Nov’Arte, a harpista Carolina Coimbra, o CODA Quintet, o Trio Fermata e com solistas da GSO.

O gosto pela música contemporânea levou-o a trabalhar com importantes compositores do seu tempo, como Hans Ulrich Lehmann, Helmut Lachenmann, Heinz Holliger, James MacMillan, Sérgio Azevedo, Luís Carvalho e David Philip Hefti, de quem estreou algumas obras para oboé. Enquanto compositor, as obras de Tiago Coimbra estão disponíveis na AVA Musical Editions.

Em 2016, concluiu com distinção o diploma de solista com Emanuel Abbühl, na Hochschule für Musik Basel, após ter terminado, em 2013, o mestrado com a classificação máxima na Zürcher Hochschule der Künste, na classe de oboé de Thomas Indermühle. Estudou também com Maurice Bourgue, na Academie Musicale de Villecroze e em aulas particulares. É doutorado em Música pela Universidade de Aveiro.

Iniciou os estudos de oboé com Saul Silva e Ana Madalena Silva no Conservatório de Vila Nova de Gaia.

Ao longo da sua carreira, foi bolseiro das prestigiadas fundações suíças LYRA Stiftung, Fritz-Gerber Stiftung e Bruno-Schuler Stiftung, entre outras.

tiagocoimbra.com

O **ars ad hoc** foi criado no contexto da Arte no Tempo como resposta à vontade de fazer música de câmara com os mais elevados padrões de exigência, combinando obras do grande repertório com a mais recente criação musical.

O seu primeiro concerto decorreu no Outono de 2018, numa temporada apoiada pela Direcção Geral das Artes e o Município de Aveiro, em que pôs em confronto música de grandes clássicos com o trabalho de um dos mais interessantes criadores do nosso tempo, o compositor suíço-austríaco Beat Furrer (Schaffhausen, 1954), com quem o preparou a estreia nacional do seu quinteto *intorno al bianco* [2016].

Na atribulada temporada de 2019/20, o ars ad hoc prestou particular atenção à música de Ludwig van Beethoven (1770-1827) e de Luís Antunes Pena (1973), tendo ainda revisitado música de Beat Furrer e interpretado obras tão extraordinárias como *Talea* [1982], de Gerard Grisey (1946-1998). Além da sua “temporada regular”, o ars ad hoc marcou ainda presença em alguns festivais, estreando obras encomendadas a compositores portugueses e estrangeiros.

Ainda condicionada pela pandemia de COVID-19, a temporada de 2020/21 trouxe algumas estreias nacionais e absolutas, tendo o ano de 2021 ficado positivamente marcado pelo início da colaboração do agrupamento com a Fundação de Serralves, onde passa a desenvolver as suas residências artísticas, encontrando o ambiente adequado ao desenvolvimento de um trabalho sério de preparação e de apresentação do que tem vindo a desenvolver especificamente no campo da música dos nossos dias – trabalho esse que, de forma mais isolada, apenas vinha a apresentar nas bienais que a Arte no Tempo realiza no Teatro Aveirense. Outras colaborações, como a do Município de Castelo Branco, trazem a público um ars ad hoc com um campo de acção mais abrangente e versátil, combinando a mais recente criação musical com obras incontornáveis do grande repertório clássico e romântico.

Em 2021/22, o ars ad hoc dedicou especial atenção à música de Simon Steen-Andersen (1976), não deixando de fazer estreias absolutas de compositores portugueses e estreias nacionais de compositores como Beat Furrer, Joanna Bailie e Clara Iannotta. Com especial enfoque na música de Helmut Lachnemann (1935), a temporada de 2022/23 conta com mais estreias de compositores portugueses e com a passagem do agrupamento por diferentes festivais.

A possibilidade de desenvolver um trabalho regular na Fundação de Serralves com programas próprios e outros paralelos às exposições, em colaboração com o Serviço de Artes Performativas, foi um importante contributo para redesenhar a estratégia com que pretendemos abraçar o futuro, continuando a levar a grande música a diferentes palcos e a públicos diversos, dando a conhecer o que de melhor se cria nos nossos dias e impulsionando a criação de nova música, em especial junto de compositores mais novos.

Do ars ad hoc fazem parte músicos ainda jovens que, depois de se terem notabilizado em Portugal, complementaram os seus estudos no estrangeiro, como o flautista Ricardo Carvalho (Aveiro, 1999), o clarinetista Horácio Ferreira (Pinheiro de Ázere, 1988), os violinistas Diogo Coelho (Porto, 1988) e Álvaro Pereira (Guimarães, 1986), os violetistas Ricardo Gaspar (Lisboa, 1991) e Francisco Lourenço (Lisboa, 1977), o violoncelista Gonçalo Lélis (Aveiro, 1995) e o pianista João Casimiro de Almeida (Cabeceiras de Basto, 1994), sendo a programação da responsabilidade de Diana Ferreira.

Apesar de ter já realizado perto de uma dezena de estreias absolutas e o dobro em estreias nacionais, o ars ad hoc pretende afirmar-se pela qualidade do trabalho que desenvolve, privilegiando a profundidade das suas interpretações em detrimento do número de obras ou compositores tocados, procurando, sempre que possível, desenvolver uma relação de proximidade com os compositores na exploração das obras.

arsadhoc.artenotempo.pt

O **Duo Tágide** é formado pela soprano Inês Simões e o pianista Daniel Godinho e, com quase duas décadas de existência, conta com um impressionante corpo de trabalho, abrangendo pérolas do barroco a composições contemporâneas, numa variedade de línguas desde o alemão ao finlandês. Apresenta-se regularmente nas mais prestigiadas salas e festivais portugueses bem como em concertos para a Antena 2. A sua programação arrojada abarca, em cada recital, repertório do passado e do presente, bem como um espaço dedicado à canção erudita portuguesa.

Com o objectivo de divulgar a canção ibérica, o duo concebeu o projecto intitulado *Alma Ibérica*, cujo primeiro álbum obteve o apoio da Fundação GDA. Para além das performances de recitais *Alma Ibérica*, o Duo Tágide criou uma Videoteca de Canção Ibérica para que o público geral possa descobrir e desfrutar de forma gratuita este repertório.

Com o seu timbre inconfundível, rico e luminoso, a soprano spinto portuguesa Inês Simões é conhecida pelas suas interpretações de música contemporânea, nomeadamente encomendas de obras operísticas, sinfónicas, electrónicas e música de câmara.

A temporada de 2022/23 vê nascer uma nova colaboração com o flautista brasileiro James Strauss, com um concerto para a Federação da Paz de Viena e um lançamento digital de “Poema” para o Universal Music Group. Abarcando obras dos últimos 100 anos, este programa é descrito pela crítica como " (...)poesia harmónica. Dueto simplesmente fabuloso .. para fechar os olhos, deitar e curtir. Dois grandes talentos". Em abril de 2023, “Poema” apresenta-se em Portugal no Palácio do Sobralinho e Igreja da Luz de Lagos.

Inês Simões estreou-se na Fundação Calouste Gulbenkian, num concerto de *tour-de-force* em que interpretou seis novas obras com a Orquestra Gulbenkian dirigida por Magnus Lindberg. Consequentemente, foi convidada a estrear a ópera *Play*, de Jamie Man, dirigida por Hannu Lintu, e a cantar ao lado de Iestyn Davies nas oratórias *Solomon* e *Messias*, de Händel. Cantou com orquestras como a Camerata Royal Concertgebouw Orchestra, para o Festival Dias da Música, Festival Oxford Lieder, para o programa de rádio *In Tune* da BBC Radio 3 e para a Antena 2.

A par das estreias mundiais de óperas como *A Canção do Bandido*, de Nuno Côrte-Real (co-produção Teatro Nacional de São Carlos e Teatro Trindade), *Tabacaria* e *Flores do Mal*, de Luís Soldado (Inestética), Inês orgulha-se de ter cantado nas estreias nacionais das óperas *Onheama*, de João Guilherme Ripper (co-produção Teatro Nacional de São Carlos e Festival Terras Sem Sombra), *King Harald's Saga*, de Judith Weir, *The Waiter's Revenge*, de Stephen Oliver, e *Hummus*, de Zad Moultaka.

Com a vinda da maternidade, a voz de Inês abriu-se às possibilidades do repertório spinto soprano, permitindo-lhe focar-se mais profundamente no repertório germânico de compositores como Richard Wagner (os *Wesendonck Lieder* constam regularmente nos seus concertos), Richard Strauss (com o papel de Salomé adicionado ao seu repertório) e Alban Berg, cuja *Suite Wozzeck*, sob a batuta de Sian Edwards, motivou a sua estreia no Barbican Hall.

Ao longo de mais de duas décadas, o pianista português Daniel Godinho tem vindo a explorar um vasto leque de repertório vocal, com forte destaque para a música escrita nos últimos 100 anos. A sua paixão por este repertório levou-o a colaborar com muitos cantores portugueses de destaque, bem como com coros relevantes, como o coro Gulbenkian. A colaboração de longa data com a soprano Inês Simões tem sido uma pedra basilar na busca de expressividade de Daniel. A par do seu trabalho como acompanhador no Conservatório Nacional de Lisboa, os próximos projectos incluem um concerto com obras para soprano e clarinete e um recital com canções de Rachmaninov.

Depois de ter estudado com o pianista Alexei Eremine (fundador do Moscow Piano Quartet), Daniel Godinho aprofundou os seus estudos no Conservatorium van Amsterdam e na Musikhochschüle em Trossingen. Desde então, tem-se apresentado como solista em Espanha, Holanda, França, Reino Unido e por todo o país - incluindo vários festivais e concertos importantes para a Antena 2.

Apresentando programas que combinam a música contemporânea com o grande repertório do passado, Daniel pretende dar ao seu público uma nova visão do mundo da canção erudita.

**Duo Pinto/Fesch**

Ambos formados pela Escola de Superior de Música e Artes do Espectáculo e pela Hochschule für Musik Basel, nas classes dos professores José Pina e Stephan Schmidt, Gil Fesch e Nuno Pinto vêm fazendo trajectos consolidados no domínio da música contemporânea. Trabalharam, individualmente ou em duo, com diversos compositores de referência, de que são exemplo Helmut Lachenmann, Sofia Gubaidulina, Georg Friedrich Haas, Michel Roth, Fred Frith ou Mattias Pintscher. Colaboram regularmente com grupos como o Ensemble LUX:NM, Vertixe Sonora ou a Orquestra XXI. Apresentaram-se ao vivo em Portugal, Espanha, França, Alemanha, Suíça e Rússia.   
Nuno Marques Pinto (Porto, 1988) é um multi-instrumentalista que se dedica sobretudo à música de câmara e à criação contemporânea. Tanto na guitarra eléctrica como na guitarra clássica, passando pelo bandolim e o baixo eléctrico, Nuno tem colaborado com agrupamentos como o Ensemble Vertixe Sonora (Espanha), o KapModern (Alemanha), o Collective Lovemusic (França), Ensemble LUX:NM (Alemanha), o Ensemble Tempus Konnex (Alemanha), o Ensemble El Perro Andaluz (Alemanha), o TAL Trio (Portugal), o Contemporary Insights (Alemanha) e a Lucerne Academy (Suíça).

Como solista, apresentou-se com a Sinfonieorchester Basel (Basileia, Suíça), com a Orquestra XXI (Portugal) e com a Orquestra de la Marina Alta (Valência, Espanha).  Nuno fez a sua formação em guitarra clássica, com a professora Maria Paula Marques e com o professor José Pina, tendo ainda completado dois mestrados na Universidade de Basileia (Suíça), na classe do professor Stephan Schmidt.

Músico, sociólogo, editor e programador cultural, Gil Fesch (Porto, 1985) é licenciado e mestre em performance musical pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (2008) e pela Hochschule für Musik Basel (2010 e 2012). Iniciou os seus estudos musicais aos 11 anos, com o seu pai, Pedro Fesch, tendo, a posteriori, sido orientado pelos guitarristas José Pina e Stephan Schmidt. Trabalhou, em cursos de aperfeiçoamento, com Alberto Ponce, Eduardo Fernández, Fábio Zanon, Gunnar Spjuth, Julius Kurauskas, Margarita Escarpa, Roland Dyens e Tilman Hoppstock. Durante a sua formação, dedicou-se em particular ao estudo da música contemporânea, beneficiando do contacto com figuras como Helmut Lachenmann, Sofia Gubaidulina, Georg Friedrich Haas, Michel Roth, Mike Svoboda, Pablo Márquez, Elena Càsoli ou Fred Frith. Apresentou-se, a solo ou integrado em formações de música câmara, em Portugal, Espanha, França, Alemanha, Suíça e Rússia, num trajecto em que se destacam pontuais colaborações com músicos como Stephan Schmidt, Ivan Monighetti e Alexander Rudin, mas também a sua estreia, em 2011, com a Basel Sinfonieorchester, interpretando *Trois Graphiques*, de Maurice Ohana, sob direcção de Daniel Klajner. Investigador do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto e do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, doutorou-se, em 2020, na área da sociologia (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), com a tese *Os impasses da música contemporânea: Estudo qualitativo pluriperspetivado em contexto de ensemble*. Produziu e editou trabalho no âmbito da estética, história da música contemporânea, teoria social, políticas culturais e programação artística. Em 2017, publicou, sob a chancela das Edições Afrontamento, *De um fio indizível: Livro de memórias do Coral de Letras da Universidade do Porto*. Fez ainda apoio dramatúrgico, reflexão crítica e pesquisa documental em espectáculos como *Pátria* (2019), de Bernardo Carvalho, ou *Airbnb & Nuvens: uma rádio novela* (2020), de Luísa Costa Gomes, ambos levados a cena sob direcção de Manuel Tur. É, desde 2019, responsável pela produção e gestão de concertos da Orquestra XXI. Enquanto produtor, esteve directamente envolvido em estreias nacionais de obras de autores como Hans Werner Henze, Dai Fujikura, Jonathan Harvey ou Steve Reich.

A **Orquestra Filarmonia das Beiras** (OFB) deu o seu primeiro concerto no dia 15 de Dezembro de 1997, sob a direcção de Fernando Eldoro, seu primeiro director artístico. Criada no âmbito de um programa governamental para a constituição de uma rede de orquestras regionais, tem como fundadores diversas instituições e municípios da região das beiras, associados da Associação Musical das Beiras, que tutela a orquestra.

A OFB é composta por 31 músicos de cordas, sopros e percussão de diversas nacionalidades, com uma média etária jovem e é, desde 1999, dirigida artisticamente pelo Maestro António Vassalo Lourenço. Norteada por princípios de promoção e desenvolvimento da cultura musical, através de acções de captação, formação e fidelização de públicos e de apoio na formação profissionalizante de jovens músicos, democratizando e descentralizando a oferta cultural, a OFB tem dado inúmeros concertos, além de desenvolver frequentes e constantes actividades pedagógicas (programas pedagógicos infanto-juvenis, cursos internacionais vocais, instrumentais e de direcção de orquestra, etc.). Também sob estes princípios, apresenta, desde 2006, produções de ópera diversas (infantil, de repertório ou portuguesa).

A OFB tem participado nos principais festivais de música do país e do estrangeiro, ou em importantes cooperações e co-produções com outros organismos artísticos, sendo regularmente dirigida por alguns maestros estrangeiros e pelos mais conceituados maestros em actividade em Portugal e tem colaborado com músicos de grande prestígio nacional e internacional. Simultaneamente, tem procurado dar oportunidade à nova geração de músicos portugueses, sejam eles maestros, instrumentistas ou cantores. Do repertório da OFB constam obras que vão desde o Século XVII ao Século XXI, tendo a Direcção Artística dado particular importância à interpretação de música portuguesa, quer ao nível da recuperação do património musical, quer à execução de obras dos principais compositores do século XX e XXI. A OFB é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura / Direcção-Geral das Artes.

orquestradasbeiras.com

A **Orquestra Metropolitana de Lisboa** (OML) é pedra angular de um projecto que se estende além do formato habitual de uma orquestra clássica.

Quando se apresentou pela primeira vez em público, no Mosteiro dos Jerónimos, a 10 de junho de 1992, anunciou o propósito de fazer confluir as missões artística, pedagógica e cívica por intermédio de uma gestão optimizada de recursos e uma visão ampla e integrada de todas as vertentes do fenómeno musical. Sempre apoiada pela Câmara Municipal de Lisboa, por instituições governamentais e por vários municípios do entorno geográfico, e uma vez completadas três décadas de actividade, o valor da aposta é hoje consensualmente reconhecido, não somente pelos resultados alcançados, mas sobretudo pela relevância que tem no actual panorama musical do país.

Constituída por 35 músicos de 10 nacionalidades diferentes, um terço dos quais formados na Academia Superior da Metropolitana (ANSO), a OML é bastante versátil. Multiplica-se com frequência em agrupamentos de música de câmara e junta-se regularmente aos alunos para formar uma orquestra de dimensão sinfónica. Esta plasticidade tem-lhe permitido interpretar um leque de repertório que se estende do barroco à contemporaneidade, passando pela ópera e pelas grandes sinfonias românticas.

Já estreou obras de grande parte dos compositores portugueses no activo e, para lá da música que se reconhece na tradição clássica europeia, toca ainda outros estilos e tradições, tendo já partilhado palco com os Xutos & Pontapés, Carlos do Carmo, Rui Veloso, Mário Laginha, Tito Paris, Sérgio Godinho e muitos outros. Tem conseguido, deste modo, dirigir-se ao público melómano, mas também às famílias e a toda a comunidade escolar, chegar junto das pessoas através do entusiasmo que todos sentimos pela música.

Em vez de concentrar as suas actuações numa única sala de concertos, a OML tem vindo a consolidar uma implantação territorial que irradia a partir da cidade de Lisboa para os concelhos mais próximos e, mais espaçadamente, para todo o continente e arquipélagos.

Ao longo do seu historial, também já tocou em França, Bélgica, Espanha, Áustria, Polónia, Cabo Verde, Índia, Tailândia, Coreia do Sul, Japão e China. Conta mais de dois milhares de concertos efectuados em formação orquestral, 23 CD e 1 DVD gravados, para lá de muitas transmissões radiofónicas e televisivas.

Tocou com alguns dos mais notáveis solistas nacionais, entre eles Maria João Pires, Sequeira Costa, António Rosado, Artur Pizarro, Pedro Burmester, Elisabete Matos, Gerardo Ribeiro, Vasco Barbosa, Paulo Gaio Lima e Ana Bela Chaves e, também, com prestigiados solistas internacionais, como Montserrat Caballé, Jose Carreras, Leon Fleisher e Natalia Gutman. Entre muitos, foi dirigida pelos maestros Enrique Dimecke, Arild Remmereit, Christopher Hogwood, Theodor Guschlbauer, Emilio Pomàrico e, mais regularmente, Nicholas Kraemer, Brian Schembri (Maestro Titular em 2003/2004), Olivier Cuendet, Enrico Onofri e Michael Zilm.

As direcções artísticas da OML foram sucessivamente confiadas a Miguel Graça Moura (fundador do projeto), Jean-Marc Burfin, Álvaro Cassuto, Augustin Dumay, Cesário Costa e Pedro Amaral.

Pedro Neves é, desde Janeiro de 2021, Director Artístico e Maestro Titular da OML.

**Ficha técnica | Reencontros de Música Contemporânea 2023**

Programação | Diana Ferreira

Produção | Arte no Tempo e Teatro Aveirense

Produção AnT | Matilde Andrade e Diana Ferreira

Informática Musical | Nádia Carvalho

Design de comunicação | Carlos Santos

Assessoria da comunicação | Maria Gabriela Ferreira

**APOIO**  
Direcção Geral das Artes

Município de Aveiro